

o Prelo

INEXPUGNÁVEIS:

De defensoras da Guanabara a atrações turísticas, as fortalezas que dominam a baía

A poética Friburgo

Natureza e romantismo se encontram no alto da Serra dos Órgãos

UPP Social

Projetos sociais levam mais cidadania às comunidades pacificadas

Casa da Flor

A arquitetura exótica de uma vida inteira em São Pedro da Aldeia



Dentro de um livro, a gente encontra mais que histórias. Encontra cidadania.

O Projeto Mais Leitura, criado para democratizar o acesso à cultura, disponibiliza grandes obras literárias a preços populares. Para adquirir a sua, vá às unidades do Rio Poupa Tempo e procure a Agência da Imprensa Oficial.

Agência São Gonçalo - São Gonçalo Shopping - Avenida São Gonçalo, nº 100, 3º Piso - Rio Poupa Tempo, Boa vista, São Gonçalo - RJ, 24466-315

Agência São João de Meriti - Shopping Grande Rio - Rodovia Presidente Dutra, 4.200 - Jardim José Bonifácio, São João de Meriti - RJ (Rio Poupa Tempo) 25586-970

Agência Bangu - Endereço: Bangu Shopping - Rua Fonseca, 240 2º andar - Bangu - Rio de Janeiro - RJ - 21820-971

Horário de funcionamento: Atendimento de segunda a sexta-feira, das 08hs às 18hs e sábados das 09hs às 13hs.



Sérgio Cabral
GOVERNADOR

Regis Velasco Fichtner Pereira
SECRETÁRIO DE ESTADO CHEFE DA CASA CIVIL



Haroldo Zager Faria Tinoco
Diretor-Presidente

Valéria Maria Souto Meira Salgado
Diretora Administrativo-Financeira

Jorge Narciso Peres
Diretor-Industrial

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Telefone: 2717-4141 PABX

www.imprensaoficial.rj.gov.br

o Prelo ANO IX nº 31

Revista de Cultura da Imprensa
Oficial do Estado do Rio de Janeiro

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Assessoria de Comunicação Social - ASCOP
Tels: (21) 2717-4682

Endereço eletrônico:
oprelo@imprensaoficial.rj.gov.br

Editado pela Assessoria de
Comunicação Social da Imprensa Oficial

Assessora de Comunicação:
Débora Ghivelder

Redator:
Luiz Augusto Erthal

Estagiários:
Bárbara Reis
Isabel Muniz
Lucas Dumphreys
Natan Pereira
Thaís Brito

Programação Visual:
Angela Duque
Luís Fernando da Silva Reis

Revisão:
Assessoria de Comunicação Social
da Imprensa Oficial

Capa: Foto de Renata Mello/Tyba

IMPRESSA NO PARQUE GRÁFICO DA
IMPRESSA OFICIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

NESTA EDIÇÃO



LITERATURA

04 Lima Barreto:
o intelectual libertário e combatente

ARTESANATO

08 A arte de pintar
uma tela diferente



SOCIEDADE

10 UPP Social amplia a
cidadania nas comunidades

BIBLIOTECA

13 Um novo jeito de contar a história do Brasil

CULTURA

14 Lonas que vão aonde o povo está



HISTÓRIA

15 Os inexpugnáveis:
Conheça os fortes que
guardaram por quatro séculos
a Baía de Guanabara

ARQUITETURA POPULAR

20 Uma casa feita de
sonho e pensamento



MEMÓRIA

23 Museu Histórico Nacional celebra
90 anos de existência



MÚSICA

24 Para lembrar Herivelto Martins

CINEMA

26 A técnica da guerrilha cinematográfica
na Baixada Fluminense

EDUCAÇÃO

27 Sempre é tempo para aprender

MUNICÍPIOS

28 A poética Friburgo



AS OPINIÕES EMITIDAS NAS MATÉRIAS SÃO DE RESPONSABILIDADE
EXCLUSIVA DOS AUTORES

Lima Barreto: O intelectual libertário e combatente

Há 90 anos, no dia 1º de novembro de 1922, morreu o autor do clássico Triste fim de Policarpo Quaresma, severo crítico das incoerências da sociedade brasileira em seu tempo

THAÍS BRITO*

Neste ano de 2012, comemora-se o nonagésimo aniversário de morte de Lima Barreto, expressivo nome da literatura brasileira, dono de vida breve e conturbada. Romancista, contista, cronista e jornalista, ele inovou ao trazer para a literatura as camadas mais pobres da população em textos marcados pela clareza, transparência e simplicidade.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 13 de maio de 1881 no bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro. A infância do filho do tipógrafo da Imprensa Nacional, João Henriques de Lima Barreto, e da professora primária, Amália Augusta, foi marcada pela morte precoce da mãe, que falecera quando ele tinha apenas sete anos.

Graças à ajuda de seu protetor Afonso Celso, o Visconde de Ouro Preto, ilustre figura na época, ele desfrutou de uma boa instrução escolar. Estudou no Liceu Popular Niteroiense num período particularmente delicado para a sua família, já que o pai havia sido demitido da Imprensa Nacional com a proclamação da república por causa da proximidade com os políticos do Império. Pouco depois, João Henriques foi nomeado escriturário das Colônias de Alienados da Ilha do Governador, fazendo com que o jovem Lima Barreto passasse a dividir seu tempo

entre o internato e o asilo onde seu pai trabalhava.

Aluno esforçado, passou no vestibular da Escola Politécnica ingressando no curso de Engenharia. No entanto, o tempo de estudos lá foi marcado por dificuldades.

Mesmo tendo amigos entre os alunos, o estudante sempre se sentiu discriminado pela maioria

dos colegas que pertenciam à elite por sua origem humilde e por ser mestiço. Na Politécnica, dedicava-se mais à leitura do que ao estudo das matérias específicas, preferindo passar as tardes na Biblioteca Nacional, atitude que mostrava a sua inclinação para a literatura e para o jornalismo.

DUPLA JORNADA: SERVIÇO PÚBLICO E JORNALISMO

Novamente um acontecimento na família mudou a vida de Lima Barreto. Desta vez, por conta do agravamento do estado de saúde de seu pai, que sofria de problemas mentais, viu-se obrigado a largar os estudos e ingressar no serviço público para assegurar o sustento da família. Empregou-se como amanuense (cargo burocrático sem equivalente exato atualmente) no Ministério da Guerra. Porém, apesar de garantir a sobrevivência financeira, a vida de funcionário público o deixava frustrado pela debilidade das instituições republicanas.

Paralelamente ao trabalho, passou a escrever em diversos jornais e revistas. As colaborações na imprensa tiveram início em 1902, quando ainda era estudante nas publicações *A Quinzena Alegre*, *Tagarela*, *O Diabo* e *Revista da Época*. Em 1905, começou a

Reprodução



escrever no *Correio da Manhã*, jornal de grande prestígio, uma série de reportagens sobre a demolição do Morro do Castelo. Trabalhou também em diversos veículos como *Fon-Fon*, *Gazeta da Tarde*, *Jornal do Comercio*, *Correio da Noite*, entre outros. Lima Barreto chegou, inclusive, a fundar uma revista literária, a *Floral*, em 1907, mas que teve uma curta duração.

A nova vida o obrigou a se mudar com o pai doente e os irmãos para o subúrbio de Todos os Santos, na Zona Norte do Rio, passando a se deslocar diariamente para o Centro do Rio de Janeiro de trem até a Central do Brasil. De lá, seguia a pé até a sua repartição. E no final do dia, depois de passar pela redação do jornal ou por um dos cafés do Centro da cidade, pontos de encontro da intelectualidade carioca, fazia o caminho inverso.

TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA

O caminho para a ficção começou em 1909 com o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, cuja narrativa é marcada por traços autobiográficos e conta a história de um jovem mestiço que sofre com o preconceito racial numa contundente crítica à sociedade brasileira da época. Mas foi em 1911 que começou a publicação, em formato de folhetins no *Jornal do Comercio* do Rio de Janeiro, de sua mais importante obra, o livro *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, considerado como um dos pilares do pré-Modernismo. Quatro anos depois, a história virou livro e ganhou uma edição em brochura.

O romance conta a trajetória do Major Policarpo Quaresma, um idealista apaixonado pelo Brasil que se vê isolado por conta do seu patriotismo exagerado. Dividida em três partes, a obra aborda, em cada uma, um dos projetos do protagonista.

O alcoolismo levou o escritor a ser internado duas vezes, como mostram os prontuários



Na primeira, Policarpo se dedica ao projeto cultural, fazendo um requerimento à Câmara propondo a adoção da língua tupi-guarani como idioma oficial do Brasil. Ridicularizado pelo fato e submetido à enorme pressão, redige por engano um ofício ao seu superior, o que resulta no desligamento do trabalho. Decepcionado, sozinho, sofre um colapso mental.

Na segunda, o foco é no projeto agrícola. Ele se muda para o fictício município de Curuzu, onde adquiriu o sítio *Sossego*. O protagonista acredita que a agricultura é um ponto fundamental para o crescimento do país e por isso inicia uma pesquisa sobre as espécies da região. Derrotado pelas formigas, ele se dá conta que o solo do local não é apropriado e assolado por diversas pragas, além do negócio não ser economicamente viável devido aos baixos preços pagos pelos intermediários aos produtores. O convívio social de Policarpo também muda com o tempo: no início é bom, mas, com o tempo, se transforma pela sua recusa em participar das negociatas propostas pelos líderes políticos locais. Por conta disso, é acusado de ser boêmio e o obrigam a pagar multas por seus

estudos de tupi e folclore nacional, o que faz com que se revolte contra a política agrícola nacional.

E na última, abre-se espaço para a política. Acreditando na necessidade de reformas no governo, Policarpo vê estourar a Revolta da Armada, no Rio de Janeiro, e resolve seguir para a capital depois de oferecer seu apoio ao presidente Floriano Peixoto. Após lutar no conflito, ser ferido e se decepcionar com a guerra, Policarpo fica indignado com o envio dos inimigos à prisão da Ilha das Cabras e resolve escrever uma carta a Peixoto para mostrar seu inconformismo. Logo, o personagem é preso e passa a refletir sobre o país num final enquanto aguarda a morte.

Lima Barreto empregou bastante energia para ver suas obras publicadas. Tanto que abriu mão dos direitos autorais e financiou a impressão de alguns títulos, decisões que fizeram com que contraísse empréstimos para custear tais empreitadas. Foi Monteiro Lobato, como editor, que deu a ele a legitimidade maior como romancista, publicando parte de sua obra que antes era bancada pelo escritor. Só no final da vida, ele conseguiu ter uma edição mais acurada de seus livros.

Lima Barreto foi um forte crítico da República Velha do Brasil, das suas instituições, dos seus preconceitos, de suas práticas sociais, do nacionalismo ufanista, dos seus privilégios às famílias aristocráticas e aos militares, dos seus excluídos. No entanto, o seu trabalho permaneceu incompreendido pela crítica durante um longo período. O escritor foi severamente questionado pelos seus contemporâneos não somente pelo seu estilo despojado, fluente e coloquial como também pelo fato de contestar estruturas sociais vigentes. Neste ponto, destaca-se a questão da literatura militante atrelada a ele. Isto porque, para ele, o escritor tinha a função social de revelar as incoerências sociais e propor alternativas renovadoras para a sociedade no qual está inserido.

Autora dos livros *Lima Barreto e o sonho republicano* (1995) e *Trincheiras de um sonho: ficção e cultura em Lima Barreto* (1998), ambos publicados pela editora Tempo Brasileiro, a professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ, Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, fala sobre o rompimento do escritor com o estilo da produção intelectual que dominava a época:

“A obra de Lima Barreto contribui com um questionamento acerca do papel da própria literatura e do intelectual, na formação do País e dos indivíduos. Para isso, retira personagens de extração social mais baixa, tornando-os protagonistas; aproveita os recursos de inovação na linguagem, presente nos jornais e nas ruas, para obter uma comunicação mais eficiente. Com isso, contribui também com a inovação estética na linguagem que busca acompanhar as mudanças no modo de percepção, devido à modernidade, tornando-se mais visual, comunicativa e ágil. Agora, é preciso observar: a comunicação mais eficiente não sacrifica a forma, a qualidade estética. Ao contrário, leitor do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, Lima Barreto sabe da importância de se questionar os limites da linguagem, da narrativa e da subjetividade.”

“O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS”

LIMA BARRETO

(...)

— Eu tinha chegado havia pouco ao Rio e estava literalmente na miséria. Vivia fugido de casa de pensão em casa de pensão, sem saber onde e como ganhar dinheiro, quando li no *Jornal do Commercio* o anúncio seguinte: “Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas etc».

Ora, disse cá comigo, está ali uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me. Saí do café e andei pelas ruas, sempre imaginar-me professor de javanês, ganhando dinheiro, andando de bonde e sem encontros desagradáveis com os «cadáveres».

Insensivelmente dirigi-me à Biblioteca Nacional. Não sabia bem que livro iria pedir, mas entrei, entreguei o chapéu ao porteiro, recebi a senha e subi.

Na escada, acudiu-me pedir a Grande Encyclopédie, letra J, a fim de consultar o artigo relativo a Java e à língua javanesa. Dito e feito. Fiquei sabendo, ao fim de alguns minutos, que Java era uma grande ilha do arquipélago de Sonda, colônia holandesa, e o javanês, língua aglutinante do grupo malaio-polinésio, possuía uma literatura digna de nota e escrita em caracteres derivados do velho alfabeto hindu.

A Enciclopédia dava-me indicação de trabalhos sobre a tal língua malaia e não tive dúvidas em consultar um deles. Copiei o alfabeto, a sua pronunciação figurada e saí. Andei pelas ruas, perambulando e mastigando letras. Na minha cabeça dançavam hieróglifos; de quando em quando consultava as minhas notas; entrava nos jardins e escrevia estes calungas na areia para guardá-los bem na memória e habituar a mão a escrevê-los.

À noite, quando pude entrar em casa sem ser visto, para evitar indiscretas perguntas do encarregado, ainda continuei no

quarto a engolir o meu “a-b-c” malaio, e, com tanto afinco levei o propósito que, de manhã, o sabia perfeitamente.

Convenci-me de que aquela era a língua mais fácil do mundo e saí; mas não tão cedo que não me encontrasse com o encarregado dos alugueis dos cômodos:

— Senhor Castelo, quando salda a sua conta?

Respondi-lhe então eu, com a mais encantadora esperança:

— Breve... Espere um pouco... Tenha paciência... Vou ser nomeado professor de javanês, e... Por aí o homem interrompeu-me:

— Que diabo vem a ser isso, Senhor Castelo?

Gostei da diversão e ataquei o patriotismo do homem.

— É uma língua que se fala lá pelas bandas do Timor. Sabe onde é?

Oh! alma ingênua! O homem esqueceu-se da minha dívida e disse-me com aquele falar forte dos portugueses:

— Eu cá por mim, não sei bem; mas ouvi dizer que são umas terras que temos lá para os lados de Macau. E o senhor sabe disso, Senhor Castelo?

Animado com esta saída feliz que me deu o javanês, voltei a procurar o anúncio. Lá estava ele. Resolvi animosamente propor-me ao professorado do idioma oceânico.

Redigi a resposta, passei pelo *Jornal* e lá deixei a carta.

Em seguida, voltei à biblioteca e continuei os meus estudos de javanês.

Não fiz grandes progressos nesse dia, não sei se por julgar o alfabeto javanês o único saber necessário a um professor de língua malaia ou se por ter me empenhado mais na bibliografia e história literária do idioma que ia ensinar.

Ao cabo de dois dias, recebia eu uma carta para ir falar ao Doutor Manuel Feliciano Soares Albernaz, Barão de Jacucanga, à rua Conde de Bonfim, não me recordo bem que número. (...)

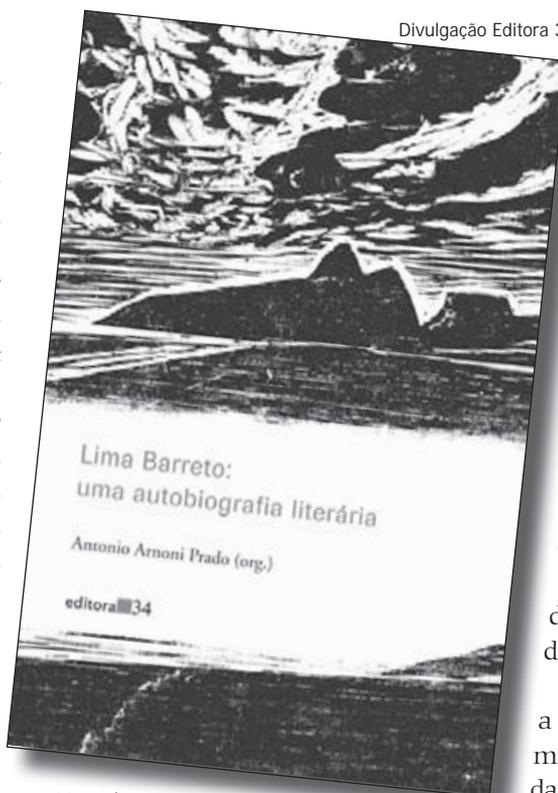
A pesquisadora - que também organizou, ao lado do filólogo, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras Antonio Houaiss, o volume Lima Barreto, da Coleção Archives/UNESCO (1997) - conta que o interesse em estudar a obra do escritor surgiu do questionamento sobre a recepção de seus trabalhos.

"Lima Barreto é um escritor cujas obras contêm várias camadas e, logo à superfície, seus leitores identificam as críticas a aspectos sociais e culturais. Mas, as demais camadas exigem maior repertório e interesse, para reconhecer a inovação da linguagem, a crítica ao gênero literário em que se expressa, questões filosóficas e reflexões acerca do papel do intelectual e da literatura", assinala.

A professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Isabel Siqueira Travancas, também tem uma obra dedicada ao escritor cujo título é *Novas Seletas - Lima Barreto* (Nova Fronteira, 2004). "Descobri um personagem fascinante e muito sofrido. E sua literatura assim como seus textos jornalísticos expressam isso", afirma. Sobre o legado deixado pelo autor, Travancas destaca: "Lima Barreto tem um papel importante na literatura brasileira por ter produzido uma obra bastante conectada com seu tempo, por ter trazido para a literatura algumas características do texto jornalístico como a coloquialidade."

Um dos livros mais recentes dedicados à vida e obra do autor é *Lima Barreto: uma autobiografia literária* (editora 34), lançado em 2012. Organizado pelo professor da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Antonio Arnoni Prado, o título conta - usando as palavras do próprio Lima Barreto por meio de procedimentos de corte e montagem de fragmentos de contos, cartas, diários, romances, artigos, crônicas de jornais, entre outros - o processo de sua formação enquanto homem de ideias.

"Há muito tempo que eu vinha pensando em organizar uma autobiografia literária dele. Esse desejo, no entanto, ficou mais intenso a



Livro destaca a transformação de Lima Barreto em escritor

OBRAS DE LIMA BARRETO

- 1905 – *O Subterrâneo do Morro do Castelo*
- 1909 – *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*
- 1912 – *As Aventuras do Doutor Bogóloff*
- 1915 – *Triste Fim de Policarpo Quaresma*
- 1915 – *Numa e a ninfa*
- 1919 – *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*
- 1920 – *Histórias e Sonhos*
- 1922 – *Os Bruzundangas*
- 1923 – *Bagatelas*
- 1948 – *Clara dos Anjos (póstumo)*
- 1953 – *Diário Íntimo*
- 1953 – *Feiras e Mafuás*
- 1953 – *Marginália*
- 1956 – *Cemitério dos Vivos (póstumo e inacabado)*
- 1956 – *Coisas do Reino de Jambom*
- 1956 – *Impressões de Leitura*
- 1956 – *Vida Urbana*
- 1956 – *Correspondência, Ativa e Passiva (2 tomos)*

partir do momento em que comecei a perceber, por parte de alguns críticos, uma certa glamurização de sua obra, cada vez mais tomada por um suposto enlace modernoso, distanciado demais da sua consciência autoral de militância e resistência aos piores preconceitos que regem a nossa sociedade ainda nos tempos de hoje. Quis, então, retomar o intelectual em seu projeto de origem, e ver de que modo ele se transformou num escritor", explica.

Para Prado, as contribuições deixadas por Lima Barreto foram diversas:

"Como homem de letras, cindiu a tradição escrita ao conceber-se a si mesmo como um 'escritor' homem da rua e das coletividades, e não mais como um 'literato', homem de sala e de gabinete oficial, pomposo e retórico como costumava ser em seu tempo, com as conhecidas e poucas exceções. Como intelectual, rompeu com os hábitos comedidos do comentário cultural ameno para botar a boca no mundo do nosso faz de conta, chamando os ladrões pelo nome, os pedantes por sua farsa, as autoridades pelos desmandos que cometiam, sem falar nos gravames com que marcou sem medo os exploradores do povo. Como homem, foi sobretudo autêntico e leal, sem nunca deixar de ser fiel aos de sua classe, que incorporou ao cenário da literatura brasileira contemporânea. Tudo isso com extrema coragem, sem medo de ser posto fora, sem medo de dizer bem alto tudo o que tinha para dizer, doesse a quem doesse", enumera.

MORTE

O escritor candidatou-se três vezes à Academia Brasileira de Letras, mas não obteve a vaga embora tenha recebido uma menção honrosa. Faleceu em 1º de dezembro de 1922, aos 41 anos, após ter sido internado duas vezes como louco, por conta do alcoolismo que o abateu, deixando uma obra vasta formada por contos, crônicas, e ensaios, crítica literária, memórias, entre outros. □

*Colaborou OSVALDO MANESCHY



A arte de pintar uma tela diferente

Artesãs produzem tapeçarias que realçam a natureza exuberante de Maricá

BÁRBARA REIS

Nascida no Marrocos, filha de pais franco-americanos e posteriormente casada com um jornalista português, Madeleine Colaço poderia ter escolhido qualquer lugar do mundo para viver. Mas foi Espirado, em Maricá, que decidiu chamar de casa. Em 1940, fugindo com o marido da ditadura de Salazar, em Portugal, Madeleine, depois de se aventurar em outras cidades brasileiras, instalou-se com a família na bucólica região de mata e flora abundantes. A tapeçaria, aprendida em países como o Marrocos, Portugal e Inglaterra, foi ensinada ao longo de quase três décadas, pela artista aos moradores locais e tornou-se parte da cultura da cidade.

O legado artístico de Madeleine Colaço é enorme. Os bordados, carinhosamente apelidados por ela de 'sambas', mostram uma artesã visionária. O 'ponto brasileiro', sua criação mais famosa, é irregular e trabalha com a justaposição de tons e texturas.



Fotos: Lucas Dumphreys

Bolsa de pano confeccionada pelas artesãs



- Quando a Madeleine começou isso foi uma febre. Eu mesma aprendi a fazer tapeçaria com ela, aos 10 anos de idade. Aliás, foi assim com toda a geração passada. Por isso, eu não quero deixar essa arte morrer - conta Ilma Macedo da Costa, hoje coordenadora do grupo de tapeceiras do Espraiado.

Dois anos após a morte de Madeleine, em 2003, nasceu o grupo Tapeceiras do Espraiado, que vê na tapeçaria mais que uma fonte extra de renda, um minucioso trabalho artístico que deve ser preservado. Referência na região, o grupo de seis pessoas produz, além das tapeçarias, bolsas, capas de almofada entre outros tipos de objetos bordados, que podem ser adquiridos ali mesmo. Os preços variam entre R\$ 400,00 e R\$ 4.000,00, de acordo com o tamanho da peça.

A inspiração para as peças vem principalmente da exuberância da flora e fauna nativas da região. Um vale cercado por mata atlântica e cheio de cachoeiras e riachos, o Espraiado é uma ilha de anacronismo em pleno século XXI. As casas

Dona Ilma, coordenadora do grupo de tapeceiras, entre algumas das obras confeccionadas. Ao lado, uma das carteiras produzidas pelas artesãs

não são muradas, o sistema elétrico revela precariedade e o tempo parece passar mais vagarosamente. É neste lugar, que combina melhor com um romance de Marcel Proust do que com os megabites da Internet, que as artesãs criam verdadeiras obras de arte. Para tanto, utilizam telas, lãs e os desenhos do estilista José Pereira Lima Neto - filho de uma das tapeceiras. O método de trabalho é cuidadoso, lento e detalhista. A partir de uma ideia, cria-se o desenho em papel que depois será reproduzido na tela da tapeçaria. Hoje, nas peças produzidas pelas tapeceiras do Espraiado, aplicam-se principalmente dois pontos: o ponto brasileiro, presente sempre no fundo da obra, e o 'rabo de rato', que dá vida aos desenhos, cuidando do contorno das imagens.



Uma peça de um metro quadrado, se trabalhada por uma única pessoa, pode levar até três meses para ficar pronta. As maiores podem levar mais de um ano. Essa arte tão cuidadosa aos poucos sai de Maricá para ganhar o mundo. O grupo das Tapeceiras do Espraiado já teve suas obras apresentadas em duas edições do Rio Prêt-a-Porter. □

SERVIÇO

Tapeceiras do Espraiado
Contato: Ilma Macedo da Costa
Telefone: (21)2648-6578
Estrada Duas Águas, número 25
Espraiado, Maricá. CEP: 24980-150

Espraiado de Portas Abertas
Evento trimestral
Informações: 3731-5094



Mariana de Souza ensaia seus primeiros passos de balé na Cidade de Deus

UPP Social

Polícia Pacificadora apóia projetos sociais nas comunidades

NATAN PEREIRA

tráfico. O preconceito que existia antes, agora não existe mais. “No passado, as pessoas acreditavam que nas comunidades só existia violência. Aqui existe uma cultura escondida que começa a aparecer para o mundo. Grandes celebridades querem conhecer as comunidades. Novelas são filmadas aqui dentro”, conta a soldado Cristiane Gomes.

A expectativa do Governo do Estado é de investir R\$ 15 milhões na qualificação dos militares e formar, até 2016, cerca de 60 mil policiais. Atualmente, as 28 Unidades de Polícia Pacificadora beneficiam mais de 500 mil pessoas em 175 localidades. Até janeiro de 2013, mais duas unidades serão inauguradas. Entre os novos projetos sociais introduzidos nas comunidades existem muitos de esportes e cursos de capacitação profissional. Partes dessas iniciativas são coordenadas pelos próprios policiais das UPPs.

FUTEBOL NO SALGUEIRO

Quem sobe o morro do Salgueiro, na Tijuca, Zona Norte da cidade, encontra um campo de grama sintética reformado depois da pacificação, bem no coração da comunidade. É lá

que o professor voluntário Marcos Lelelo ensina futebol. Com aulas três vezes por semana, o projeto é apoiado pelos policiais da UPP.

Pacificado em 2010, o morro do Salgueiro conta com 138 policiais. Eles encontraram no futebol o caminho ideal para se integrarem com a comunidade. “O esporte teve uma adesão muito grande na comunidade. Os moradores abraçaram os projetos e o futebol em particular. Essa integração através do esporte é importante peça do sucesso da UPP no Salgueiro”, conta o soldado Julian.

Mas nem sempre foi assim. No início do projeto, há dois anos, muitos alunos viam as aulas com desconfiança. Porém, com o tempo, a confiança na UPP foi aumentando e atualmente há uma grande procura pelos projetos. Apenas no futebol existem 80 alunos matriculados. Os jovens das comunidades também estão participando de torneios e conhecendo novos lugares, como conta Josiane Moraes, de 13 anos, campeã da Copa Zico de futebol feminino em 2012:

“Nunca faltou aos os treinos. Como treinamos juntos com os meninos, acredito que foi mais fácil a conquista do título. Por causa do pro-

Onde havia medo e insegurança, agora existe tranquilidade, confiança e novos horizontes para as comunidades cariocas já contempladas com as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), a proposta implantada pela Secretaria de Segurança do Governo do Estado do Rio para retomar os territórios da cidade que haviam caído no poder do crime organizado. Além de terem recuperado a segurança e o direito de ir e vir, essas comunidades estão recebendo investimentos e projetos sociais que antes seriam impraticáveis.

Com isso, a sociedade começa a conhecer uma parcela da população que até então vivia oprimida pelo



Adolescentes treinam no campo reformado após a instalação da UPP no Salgueiro



Para participar do projeto, que é gratuito, o único pré-requisito é estar na escola

jeto conheci o centro de treinamento do Zico e achei incrível a estrutura que existe lá”.

Apontado como o grande responsável pela aceitação dos projetos sociais, Marcos Lelelo, líder comunitário, resume a finalidade do projeto:

“As aulas têm o objetivo de integrar e temos obtido sucesso. Acreditamos também que a educação pode ser conseguida através do esporte e por isso, para ser aluno de qualquer projeto, o interessado deve estar na escola e ter boas notas”.

Mais do que a prática esportiva, os projetos sociais dão oportunidade aos moradores de conhecer uma cultura diferente daquela a que eles estavam acostumados. Os militares responsáveis pelas atividades mostram que é possível ter uma vida diferente e se animam com os resultados.

“Agora não há mais pessoas armadas circulando por aqui. A visão de que é possível ganhar dinheiro de uma forma fácil, não existe mais. Os policiais, que eram vistos como pessoas más, agora são exemplos. Muitos alunos querem ser militares e isso é um orgulho para nós. Queremos que eles estudem e conquistem espaço na sociedade, que mudem a própria vida e a de sua família também”, comemora o soldado Julian.

Com a pacificação, os moradores estão se especializando cada vez mais através de cursos oferecidos gratuitamente dentro da comunidade, como inglês e informática. Além do futebol, no Salgueiro há aulas de karatê e ginástica para a terceira idade. Todas as atividades têm o apoio dos militares.



As aulas de futebol na comunidade do Salgueiro acontecem três vezes por semana

BALÉ NA CIDADE DE DEUS

É no colégio Luiz Carlos Prestes, na Cidade de Deus (CDD), que a soldado Rafaela Malta ensina suas alunas os passos tradicionais do balé, como piruetas e *demi-plié* em uma sala cedida nos fundos da escola. Com 78 alunas e uma extensa fila de espera, as aulas acontecem duas vezes por semana.

A professora conta com o apoio das voluntárias Adriane dos Santos e Juliana Alves. Mães das alunas Victória Letícia, 7 anos, e Mariana de Souza, 4 anos, respectivamente,

elas contam que o balé é a realização de um sonho de muitas meninas que não têm dinheiro para pagar um curso de dança.

“O projeto é interessante. A comunidade estava precisando de um balé gratuito, coisa que não existia aqui dentro. A procura é impressionante. O esforço da professora é grande e por isso ajudamos. Como o pré-requisito é estar na escola, acredito que isso é mais um incentivo para que as crianças estudem”, conta Adriane.

Rafaela Malta, que também é professora de educação física, conta porque escolheu o balé para ensinar aos moradores da comunidade:

“Sou formada em educação física e poderia dar aula de qualquer esporte. Optei pelo balé porque quem trabalha em comunidades carentes tem a oportunidade de observar que as meninas têm uma maturação sensual precoce. O balé traz uma plasticidade e uma beleza desligada dessa parte sensual, mais angelical, e acredito que acertei na escolha. Elas frequentam as aulas, as ausências são mínimas. Através da dança, as meninas puderam ir ao Theatro Municipal assistir ao espetáculo *Quebra Nozes*”.

As aulas dos projetos sociais na Cidade de Deus acontecem fora do horário escolar. A ideia é ocupar o tempo livre dos moradores e

tranquilizar os pais que precisam trabalhar fora de casa. Como muitos não têm dinheiro para pagar cursos para os seus filhos, os projetos suprem essa necessidade. Assim como no Salgueiro, os projetos sociais foram bem aceitos pelos moradores na CDD. Pacificada há dois anos, a Cidade de Deus começa a receber atividades culturais que não eram muito comuns. Karatê, projetos de reciclagem, cursos de capacitação profissional são atividades oferecidas em parceria com empresas privadas.

OBJETIVO NÃO É FORMAR ATLETAS

Através do balé, as meninas conheceram pessoas que até então, eram impensáveis para elas, como conta a soldado Cristiane Gomes:

“Já tivemos a visita da bailarina Ana Botafogo. As crianças me contaram que era um sonho conhecê-la, pois ela é um ícone, uma estrela para elas. Nunca passou pela cabeça deles que isso aconteceria aqui. Essas visitas fazem com que as meninas acreditem mais nelas, criam o sentimento de que é possível mudar de vida”.

Aluna do projeto, Kayany dos Santos, 10 anos, conta que o balé é a realização de um sonho e que sua mãe aprova a ideia e a incentiva. Assim como a sua amiga, Samara Ferreira, também de 10 anos, que adora a professora e sonha em ser bailarina. “Gosto de todos os passos que aprendo na aula. A professora é exigente, mas é muito legal. Quero ser bailarina profissional e a soldado Malta é um exemplo”, disse Samara.



As bailarinas da Cidade de Deus se inspiram em Ana Botafogo

MELHORANDO A IMAGEM

Para incentivar a prática dos esportes, a Coordenadoria de Polícia Pacificadora organiza diversos eventos entre as UPPs para que moradores de várias comunidades possam trocar experiências. A professora de criminologia da Unirio e da Puc-Rio, Elisabeth Sussekind, explica os objetivos dos projetos sociais comandados por policiais.

“Os projetos sociais são uma ferramenta necessária para a aproximação dos policiais com a população. A imagem que a comunidade tem do policial está mudando. Antes a população via o policial como repressor, agora o vê como alguém que cuida do direito de ir e vir. Eles estão ganhando a confiança dos moradores”.

A soldado Cristiane Brasil corrobora a opinião da professora e acrescenta:

“A imagem da PM era negativa. Com os projetos sociais, essa visão está mudando. A aproximação foi difícil no início, mas com o tempo começaram a nos ver de outra forma. Os pais deixam seus filhos nos nossos projetos e essa é a maior prova de confiança que podemos receber”.

A soldado Roberta Malta define qual é o principal objetivo de suas aulas:

“Acho que o balé é um meio de formar pessoas melhores. Não achava que teria grandes bailarinas, mas meninas mais disciplinadas, determinadas porque na dança é preciso perseverança, pois o caminho é árduo. Essas lições levamos para a vida toda. Outro objetivo do balé é dar acesso à cultura erudita. As crianças daqui não são aculturadas. A riqueza cultural é grande, mas é de uma cultura à margem dos padrões da cultura erudita social”.

Todas as atividades esportivas servem como pano de fundo para o principal objetivo, que é formar pessoas melhores. Aliando uma atividade prazerosa aos estudos, os responsáveis pelos projetos acreditam que conseguem incentivar a crianças a frequentar as salas de aula. Além disso a filosofia do esporte ajuda a formar pessoas melhores, produzindo hábitos saudáveis para corpo e mente.

“O esporte introduz nas crianças valores morais, éticos que eles levam para a vida”, diz Rafaela Malta □.

As unidades de Polícia Pacificadora

Projeto criado em 2008, as Unidades de Polícia Pacificadora já chegaram em 28 comunidades. Com o objetivo de retomar o território que era dominado por traficantes, as UPPs conquistaram a confiança da sociedade. A primeira comunidade a receber uma unidade foi o morro Santa Marta, em Botafogo. A mais recente foi a Rocinha, instalada em setembro. As duas próximas unidades de polícia pacificadora serão instaladas em dezembro e janeiro, respectivamente em Manguinhos e no Jacarezinho, comunidades já ocupadas pela polícia fluminense desde outubro.

As comunidades pacificadas hoje existentes são: Santa Marta (Botafogo), Cidade de Deus (Jacarepaguá), Batam (Realengo), Babilônia

e Chapéu-Mangueira (Leme), Pavão e Pavãozinho (Ipanema e Copacabana), Tabajaras e Cabritos (Copacabana e Botafogo), Providência (Gamboa, Santo Cristo e Saúde), Borel (Tijuca), Formiga (Tijuca), Andaraí (Grajaú e Andaraí), Salgueiro (Tijuca), Turano (Tijuca e Rio Comprido), Macacos (Vila Isabel), São João/Matriz/Quieto (Engenho Novo), Coroa/Fallet/Fogueiteiro (Rio Comprido), Escondidinho e Prazeres (Santa Teresa), São Carlos (Estácio e Rio Comprido), Mangueira/Tuiuti (Maracanã), Vidigal (Leblon), Adeus/Baiana (Complexo do Alemão), Sereno/Fé (Penha), Chatuba (Penha), Nova Brasília (Complexo do Alemão), Fazendinha (Complexo do Alemão), Parque Proletário (Penha), Vila Cruzeiro (Penha) e Rocinha (São Conrado).

Um novo jeito de contar a história do Brasil

Pioneira na América Latina, a Hemeroteca Digital Brasileira traz registros importantes do passado do país

BÁRBARA REIS

Na tradução literal do grego, a palavra biblioteca quer dizer simplesmente 'espaço físico onde se guardam os livros'. A função desse espaço, no entanto, extrapola as barreiras não só da tradução, mas do mundo físico. A missão de guardar a história da ascensão e ruína de civilizações é a verdadeira razão por trás das bibliotecas espalhadas por todo o mundo. As ferramentas tecnológicas permitem que o conteúdo dessas obras entre para a eternidade, e é nesse contexto, de bibliotecas que unem o seu acervo físico ao mundo virtual, que se encaixa a hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Na Hemeroteca Digital Brasileira, o público tem a oportunidade de consultar mais de cinco milhões de páginas digitalizadas de periódicos raros ou antigos. Até o fim do ano, 10 milhões de páginas estarão disponíveis online. A consulta ao acervo é simples: basta ter um computador conectado à internet e escolher a opção de busca. O sistema é refinado, dando opções como título, período, edição, local de publicação e palavras-chave. De acordo com Ângela Bettencourt, coordenadora da Biblioteca Nacional Digital, a opção de busca por palavras-chave é essencial para os pesquisadores por agilizar a pes-

quisa e permitir a busca simultânea em mais de um periódico.

É possível encontrar publicações raras do século XIX, como *O Espelho*, *Marmota Fluminense*, *O Jornal das Senhoras*, *Revista Ilustrada* e *O Abolicionista*. Além disso, há um segmento que reúne periódicos de instituições científicas. Recentemente, o Jornal do Brasil autorizou a Fundação Biblioteca Nacional a digitalizar e disponibilizar toda a coleção do jornal: a primeira parte do acervo a ser publicada online vai ser do período de 1950 aos anos 2000.

Criada após a vinda da família real portuguesa, a Biblioteca Nacional é considerada pela UNESCO uma das dez maiores bibliotecas nacionais do mundo, sendo a maior da América Latina. A Hemeroteca Digital Brasileira é pioneira não apenas pela quantidade de material envolvido no projeto, mas pela tecnologia empregada. Segundo a coordenadora da Biblioteca Nacional Digital, o retorno por parte dos pesquisadores tem sido muito caloroso.

- Recebemos diariamente e-mails de pesquisadores elogiando a iniciativa, agradecendo pela ajuda que a BN tem dado as suas pesquisas e à preservação dessa importante parte da Memória Nacional. Desde o lançamento oficial do portal, em julho de 2012, já tivemos mais de 3 milhões de pesquisas em nossas coleções digitalizadas, contou Ângela Bettencourt. □



Imagem da primeira edição de 'A Marmota', um dos periódicos mais antigos disponíveis

SERVIÇO

Biblioteca Nacional
Hemeroteca Digital Brasileira
<http://hemerotecadigital.bn.br/>

VISITAS GUIADAS

Dias úteis - segunda a sexta-feira - 10h às 17h

Sábados, domingos e feriados - 12h30 às 16h30

(21) 2220-9484 e (21) 3095-3881

Preço do ingresso: 2,00(Reais), com meia entrada para estudantes e gratuidade para pessoas com mais de 60 anos

PESQUISA AO ACERVO

Acervo Geral e Periódicos:

Segunda a sexta - 9h às 20h - sábados: 9h às 15h (apenas periódicos microfilmados)

Acervo Especial (Manuscritos, Obras Raras, Cartografia, Iconografia)
Segunda a sexta: 10h às 18h

EXPOSIÇÕES

3ª a 6ª feira - 10h às 17h
sábado, domingo e feriado - 12h às 17h
Espaço Cultural Eliseu Visconti
Rua México, sem número (fundos da Biblioteca Nacional, entrada pelo jardim)



As diversas opções de busca agilizam o trabalho dos pesquisadores

Lonas que vão aonde o povo está

Parceria com ONGs democratiza acesso à cultura em bairros populares

NATAN PEREIRA

Para muitos ambientalistas, as duas conferências mundiais sobre o meio-ambiente realizadas no Rio em 1992 e este ano deixaram a desejar em termos de posições mais efetivas dos governos para enfrentar os desafios ecológicos globais. Mas para os moradores de alguns bairros cariocas, a Rio 92 deixou um legado cultural que ao longo de quase 20 anos tem levado entretenimento a áreas carentes de atividades artísticas: as Lonas Culturais.

O projeto coordenado pela prefeitura do Rio em parceria com ONGs escolhidas por licitações públicas para realizar shows, cursos, peças teatrais e várias outras atividades culturais a preços populares recebeu a chancela da Unesco e recebeu prêmios da União Européia e o Mercosul. E tudo começou com uma ideia de Ives Macena, que administra a Lona Cultural pioneira, em Campo Grande.

“Já tinha visto projetos semelhantes que levavam atividades culturais a pessoas que não moravam nos grandes centros, em Minas Gerais. Resolvi fazer o mesmo. Com a Rio 92, vi que vários eventos foram realizados em grandes lonas. Após o fim da conferência, a prefeitura nos doou uma delas. Como já tinha o espaço, trouxe para Campo Grande e aqui estamos há 19 anos aqui”, conta Ives.

O sucesso da iniciativa levou a prefeitura a reproduzir o projeto-piloto em mais nove pontos da cidade, repetindo a doação das lonas para potenciais agentes culturais, que administram suas atividades de forma autônoma. O objetivo do projeto, segundo o gestor das Lonas Culturais junto à prefeitura, Rodrigo Malta, é descentralizar a cultura e formar novas platéias. As dez lonas da cidade realizam uma média de 250 atividades mensais, com público total em torno de 30 mil pessoas.



Fotos: Lucas Dumphreys



A Lona Cultural Elza Osborne, em Campo Grande, recebe artistas consagrados como Leoni e Jorge Aragão. Ao lado, o idealizador do projeto, Ives Macena

“As administrações têm autonomia, mas são supervisionados pela prefeitura. Somos parceiros. Eles seguem uma pauta e montamos a programação dos locais”, explica Malta.

Com capacidade para 600 pessoas, a Lona Cultural Elza Osborne, de Campo Grande, já recebeu grandes atrações, como Ed Motta, Bia Bedran e a atriz Ana Rosa, do elenco da peça Violetas na Janela. Além das grandes atrações, o espaço sempre está aberto para artistas locais. As peças de teatro se destacam, uma vez que não há locais que oferecem esse tipo de espetáculo na região.

“Boa parte dos moradores da região nunca assistiu a uma peça de teatro. Eles chegam aqui extremamente arrumadas. Sempre aviso que devem se sentir à vontade. Diferente das grandes casas de espetáculo, aqui as pessoas podem vir nas

apresentações de chinelos e bermudas se quiserem”, diz Ives.

Moradora de Campo Grande, a estudante Natalia Pereira, explica que a lona é o principal espaço para eventos culturais do bairro. “Aqui tem atrações legais. O espaço dá a oportunidade para os artistas desconhecidos da região e para atividades culturais diferentes no bairro”. A Lona Cultural Elza Osborne emprega 18 pessoas e são realizados, aproximadamente, seis eventos por semana. Todos com preços populares.

Além dos shows e apresentações, a lona oferece diversas oficinas, como as de teatro, artes visuais e fotografia. Ao todo, são 278 alunos divididos em turmas por idade. Todos os cursos são gratuitos para alunos de escolas públicas e ser alfabetizado é pré-requisito para poder participar. A estudante Rebeca Ramos, de 21 anos, também de para Campo Grande, afirma que, “se não fosse a lona, teríamos que nos deslocar para outros bairros em busca de diversão”. Com uma média de público anual de oito mil pessoas, a lona nunca registrou uma confusão sequer, segundo a direção e os frequentadores. Para eles, o espaço é pura diversão. □

Os inexpugnáveis:

Conheça a história dos fortes que guardaram por quatro séculos a Baía de Guanabara



Vista da retaguarda da Fortaleza de Santa Cruz da Barra, a partir do ponto de observação do Forte de São Luiz

Complexo de fortalezas de Niterói ajudou o Rio de Janeiro a ser escolhido como Patrimônio Mundial da Humanidade



Fotos: Lucas Dumphreys

Entrada da Fortaleza de Santa Cruz da Barra

BÁRBARA REIS

Corsários, donzelas com o coração partido, rotas de fuga, tiros de canhão e interesses políticos. Esses são os elementos de qualquer romance épico, mas também fazem parte da história fascinante por trás do imponente sistema de fortificação da Baía de Guanabara. Crucial para que o Rio de Janeiro conquistasse o título de Patrimônio Mundial, concedido pela UNESCO, o complexo é formado pela Fortaleza de Santa Cruz da Barra e os fortes de São Luiz, Pico, Barão do Rio Branco, Gragoatá, Boa Viagem e Imbuí. Erguidas na cidade de Niterói, essas fortificações foram responsáveis pela defesa e guarda da entrada da Baía de Guanabara durante séculos. No documento das Nações Unidas que declara o Rio de



Interior da Fortaleza de Santa Cruz da Barra. A esquerda, os dois andares da bateria Pedro II. Na parte superior da imagem, parte da Bateria Santa Tereza

Janeiro como patrimônio cultural, também são citados os fortes do Leme, São João e Copacabana, todos na zona sul da cidade.

Para ser candidato ao título de Patrimônio Mundial, um sítio (termo técnico que designa as localidades) precisa provar seu valor universal excepcional e possuir um sistema de proteção e gerenciamento. De acordo com o Tenente-Coronel José Cláudio dos Santos Júnior, da Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército, para justificar seu valor, é preciso que o sítio conjugue um conjunto de conceitos voltados para bens culturais que representem manifestações como a combinação entre a ação humana e a natureza, a evo-

lução da sociedade sob a influência do ambiente natural e das forças sociais, econômicas e culturais.

No sentido de proteger esse patrimônio, surgiu o Plano de Revitalização e uso Turístico – Cultural dos Fortes Históricos da Baía de Guanabara, cujo objetivo é manter uma atuação multifacetada que abranja história, cultura, meio ambiente e o uso turístico de todas as fortificações do Rio de Janeiro. O programa prevê ações que envolvam desde os elementos que compõem o acervo histórico a pesquisas arqueológicas sobre as origens de cada edificação.

Mais antiga das construções e detentora da maior coleção de canhões Whitworth do mundo, a Fortaleza de

Santa Cruz da Barra teve sua origem em 1555, a partir da instalação de dois canhões em uma fortificação rudimentar por Nicolau Durand de Villegagnon. Para os franceses que sonhavam com a possibilidade de instalarem no Rio de Janeiro a chamada França Antártica, o ponto era estratégico. Do promontório rochoso era possível dominar a Baía de Guanabara, o que possibilitaria maior segurança contra invasores e tornaria mais sólida a vantagem no território. Em 1567, porém, com a definitiva expulsão dos franceses, os portugueses retomaram o promontório e adicionaram mais peças de artilharia às já existentes.

O batismo de fogo da fortificação aconteceu em 1599, quando o almi-



As prisões do passado, construídas no século XVII, funcionavam como solitárias



Um dos canhões Whitworth da Bateria de Santa Tereza



Fachada do Forte Barão do Rio Branco. Nas laterais é possível ver as seteiras, onde poderiam ser posicionados canhões de pequeno porte em caso de combate

rante neerlandês Olivier van Noort tentou aportar na cidade e foi repellido pela então Bateria de Nossa Senhora da Guia. Em 1612, a fortificação passa a se chamar Fortaleza de Santa Cruz da Barra. O 'da Barra' é acrescentado para diferenciá-la da Fortaleza de Santa Cruz, no centro do Rio de Janeiro, onde hoje está localizada a Igreja de Santa Cruz dos Militares. É nesse ano também que é construída, dentro dos limites da fortaleza, a segunda capela mais antiga do Brasil e a mais velha de Niterói, a Capela de Santa Bárbara.

Em 1710, o corsário francês Jean-François Duclerc tentou uma nova estratégia de invasão: Ao invés de se aventurar por mar, arriscou invadir o território por terra, sendo

combatido. Um ano depois, Duguay Troin teve mais sorte. Comandando uma esquadra com o objetivo de invadir a cidade, os franceses foram encobertos pela neblina e conseguiram ocupar o território brasileiro pelo mar, obtendo uma das maiores vitórias francesas e um volumoso resgate pago pela coroa portuguesa.

O EFEITO DOMINÓ DA QUESTÃO CHRISTIE

Depois do decreto Bill Aberdeen (1845), lei inglesa que proibia o tráfico ultramarino de escravos e dava à Inglaterra o direito de afundar qualquer navio que os transportasse, as relações entre Brasil e Reino Unido ficaram estremecidas. Em 1863, após

uma série de pequenos incidentes entre marinheiros britânicos e brasileiros, o embaixador da Inglaterra no Rio de Janeiro, William Christie, determinou que o comandante da força naval inglesa capturasse cinco navios no porto do Rio de Janeiro. Estava colocada a Questão Christie, que desencadeou a preocupação em reforçar as guarnições do exército.

A construção do Forte do Imbuí, atual Centro de Instrução de Operações Especiais do Exército, e do Paiol da Tabaíba fizeram parte do chamado Plano Pratti de Aguiar. A Comissão de Melhoramentos do Material do Exército projetou uma fortificação de casamatas na ponta do Imbuí. No entanto, essa construção nunca foi terminada e, apesar de em 1868 as obras estarem avançadas, foi ordenado que o trabalho fosse interrompido. Um pequeno destacamento foi responsável pela guarda do local até a Revolta da Armada, em 1893, quando foi equipado com canhões de campanha. A partir de 1896 o Forte do Imbuí passou por obras de modernização, incluindo a construção de uma cúpula encouçada para canhões Krupp de 280 mm, e duas torres em elipse para canhões de tiro rápido.

Já o Paiol da Tabaíba, construído no morro de mesmo nome, entre os fortes Barão do Rio Branco e do Imbuí, tinha como função operacional a



Fachada de um dos alojamentos do Forte de São Luiz



Farol da Fortaleza de Santa Cruz da Barra, em funcionamento até hoje

observação deste último. Atualmente, o Paiol guarda o material administrativo do 21º Grupo de Artilharia de Campanha, Grupo Monte Bastione.

Importante para o acesso aos fortes São Luiz, Pico e Imbuí, o forte Barão do Rio Branco localiza-se na base dos três. Com uma história que começa com a Bateria de Santo Antônio da Praia de Fora, foi erguido com a finalidade de proteger a retaguarda da Fortaleza de Santa Cruz da Barra.

Construído na diagonal para dificultar a entrada dos inimigos, com o objetivo de proteger a retaguarda dos fortes do interior da Baía de Guanabara, o Forte de São Luiz data do século XVIII. Sua função estratégica era tanta que há uma trilha que o liga à Fortaleza de Santa Cruz. A função dessa rota de fuga era facilitar a comunicação e evacuação entre as unidades em caso de invasão. O caminho é aberto à visitação uma vez por ano, no domingo mais próximo ao Dia do Soldado, comemorado em 25 de agosto.

Dono de um dos trinta melhores pontos de observação em 360º do mundo, o Forte do Pico já era utilizado como local de vigilância da Baía de Guanabara antes de sua construção. Esculpido em pedra, suas instalações são fiéis ao que eram à época de sua desativação. Em termos de armamento, o mais relevante do Forte do Pico eram os quatro obuseiros Krupp. Projetados para atirar em parábola, estes artefatos bélicos eram capazes de atingir uma embarcação que se escondesse atrás de uma das ilhas.

ATUAÇÃO NA REVOLTA DA ARMADA E NO MOVIMENTO TENENTISTA

Definida como um movimento contra o governo de Floriano Peixoto, a Revolta da Armada foi a mais perigosa rebelião de marinheiros. Em março de 1892, uma carta manifesto assinada por treze generais foi enviada ao então presidente Floriano Peixoto, exigindo a convocação de novas eleições. Entre os revoltosos, encontravam-se os almirantes Saldanha da Gama e Custódio de Melo, ex-ministro da Marinha e candidato à sucessão presidencial.

A revolta teve pouco apoio político e popular. Diversas unidades de revoltosos trocaram tiros com os fortes do exército. Foi em Niterói, na Ponta da Armação, onde aconteceram as batalhas mais sangrentas. A localização estratégica era perfeita para que os insurgentes criassem uma base onde pudessem esperar não apenas por reforços, mas por uma adesão popular.

A atuação dos fortes foi essencial para que Niterói, então capital do estado, permanecesse invicta. A Fortaleza de Santa Cruz da Barra trocou tiros de canhão com o Encouraçado Aquidabã e com os cruzadores Javani e Trajano. O movimento tenentista de 1922 teve como objetivo confrontar a chamada República do Café com Leite, em que oligarquias associadas a grandes latifundiários definiam o destino político do país. O primeiro levante conhecido como Revolta dos 18 do Forte, aconteceu em 5 de julho de 1922, no Forte de Copacabana. É durante essa revolta que a Fortaleza de Santa Cruz da Barra disparou seu último tiro, tendo como alvo o Forte de Copacabana, onde estavam os revoltosos. □

SERVIÇO

Visitações às fortificações no Rio e em Niterói:

RIO DE JANEIRO:

FORTALEZA DA CONCEIÇÃO

- Com visitação

Endereço: Rua Major Daemon, 81 – Centro. Visitação: terça a quinta das 8h às 16h e sexta de 8h às 12h. Agendamento de visitas: pelo telefone (21) 2263-9035 ou pelo e-mail: 5dl@5dl.eb.mil.br

FORTE DE COPACABANA

- Com visitação

Exposições: terça a domingo e aos feriados das 10h às 18h

Área externa: terça a domingo e aos feriados das 10h às 20h Agendamento de grupos: Pelo site www.fortedecopacabana.com (mínimo de 15 e máximo de 50 pessoas). Endereço: Praça Coronel Eugênio Franco nº 1 - Posto 6, Copacabana, Rio de Janeiro. Tel: (21) 2287-3781 Valor do ingresso: R\$ 6,00 para maiores de 12 anos. Maiores de 60 anos, estudantes e crianças de 06 a 12 anos pagam meia-entrada. Crianças até 5 anos são isentas. Militares das Forças Armadas, maiores de 80 anos, grupos escolares agendados e menores de 10 anos são isentos.

FORTE DUQUE DE CAXIAS

- Com visitação

Visitação: terça a domingo, das 09:30 às 16:30h, com guia. Agendamento de visitas: telefone (21) 3223-5076, ou através do e-mail: divisaodoforte.cep@gmail.com. Valor do ingresso: Preço Normal: R\$ 4,00 / Meia-Entrada (estudantes): R\$ 2,00

FORTALEZA DE SÃO JOÃO

- Com visitação

Endereço: Av. João Luiz Alves, S/ Nr – Urca

Visitação: com agendamento às terças, domingos e feriados das 10h às 1200h e 13h30 às 16h, com guia.

Agendamento de visitas: pelo telefone (21) 2586-2291 ou pelo e-mail: sitiohistorico.fs@gmail.com

NITERÓI:

FORTE BARÃO DO RIO BRANCO:

FORTE DE SÃO LUIZ e PICO

- Com visitação

Visitação: sábados, domingos e feriados das 10h às 17h. Agendamento de visitas: Colégios e Instituições de Ensino pelo telefone (21) 3611-1207 ou pelo e-mail: rp_21gac@yahoo.com.br Contato: Major Vasconcelos

FORTALEZA DE SANTA CRUZ

- Com Visitação

Endereço: Rua General Eurico Gaspar Dutra, s/nº - Jurujuba - Niterói - RJ.

Visitação: todos os dias das 10h às 17h, com guia. Agendamento de visitas: pelo telefone (21) 2710-2354 ramal: 2025 ou e-mail: e5_ad1@yahoo.com.br Valor do ingresso: R\$ 6,00 para maiores de 12 anos. Maiores de 60 anos, estudantes e crianças de 06 a 12 anos pagam meia-entrada. Crianças até 5 anos são isentas.

A Capela de Santa Bárbara



Fachada da capela

A Capela de Santa Bárbara, na realidade, foi construída para ser um oratório de Nossa Senhora da Guia. Acredita-se que por causa de uma confusão provocada pela semelhança com a Fortaleza de Santa Cruz a imagem de Santa Bárbara foi entregue na fortaleza errada. Em tamanho natural, a figura é esculpida em madeira e cravejada

em pedras semipreciosas. Desproporcional para a capela, as diversas tentativas de retorná-la ao seu destino de origem foram marcadas, dizem, por tempestades que tornariam a navegação perigosa.

O inusitado não termina aí: há relatos de corpos empalados na capela. Um deles seria o de Laís, filha de um militar que, proibida de casar-se com um soldado, em desespero, atirou-se ao mar. Outra curiosidade é a origem da expressão 'um olho no padre e o outro na missa', que teria surgido a partir da obrigatoriedade de todo o regimento assistir ao ato religioso. De uma pequena janela ao lado do altar, o padre poderia observar a entrada da Baía de Guanabara e sinalizar para a guarnição caso se aproximasse uma embarcação inimiga.



Imagem de Santa Bárbara em tamanho natural (1,70m)



Vista da janela pela qual o padre vigiava a Baía de Guanabara enquanto prestava o serviço religioso



Casa da Flor em São Pedro da Aldeia completou 100 anos em 2012. O criador da obra utilizou materiais do lixo para enfeitar sua moradia

Uma casa feita de sonho e pensamento

Há cem anos um trabalhador de São Pedro da Aldeia construiu, sem pretensões, uma obra de arte para morar. Elaborada com materiais recolhidos do lixo, a Casa da Flor é um dos maiores exemplos de arquitetura espontânea do País.

ISABEL MUNIZ

Lâmpadas queimadas, ossos de animais, conchas, cacos de louça e azulejos, pedaços de cerâmica, itens que se encontravam jogados no lixo viravam arte nas mãos de Seu Gabriel, há 100 anos. Em 2012 a Casa da Flor, em São Pedro da Aldeia, completa cem anos de existência e acaba de ser tombada pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Com o material recolhido pelas ruas, Gabriel Joaquim dos Santos fazia enfeites para embelezar sua moradia. A maioria dos ornamentos era em formato de flor. A construção foi erguida por este homem que nunca foi à escola, sem qualquer conhecimento em artes ou arquitetura. Filho de uma época em que ainda não se cogitavam conceitos de desenvolvimento sustentável e reciclagem, Seu Gabriel esteve à frente do seu

tempo. Mas as pessoas ao redor não pensavam desta maneira.

Humilde trabalhador da roça e das salinas de São Pedro da Aldeia, Seu Gabriel começou a erguer, em 1912, uma casa para morar e se isolar da família que somava pais e onze irmãos. Foram necessários



O vaso de flores improvisado de Seu Gabriel. No lugar de folhas de verdade, cacos de louça minuciosamente dispostos

mais de dez anos para realizar seu desejo, devido à falta de recursos para adquirir o necessário para a obra do que viria a se tornar um dos exemplos de arquitetura espontânea do País (edificações que são construídas a partir de materiais não convencionais).

Nascido em 1892, Seu Gabriel gostava de desenhar, fazer flores em papel crepom e modelar no barro os santos de sua devoção. Autodidata, ele tocava violão e harmônica, já mostrando sua verve artística. Mas foi a partir de um sonho, em 1923, que Seu Gabriel começou a transformar o lar em obra de arte. Enquanto dormia, imaginou um enfeite na parede de seu quarto. Quando acordou, não conseguia tirar a imagem da cabeça. Então, resolveu concretizar a visão. Para a escassez de recursos, encontrou uma solução: catar no lixo pedaços de objetos tidos como sem serventia. E assim fez por 63 anos, até o fim de sua vida.



Na entrada da Casa da Flor, logo se vê a riqueza de detalhes também nas estruturas externas da obra

Na época, o que Seu Gabriel fazia não era reconhecido como arte. A população local, inclusive sua família, o tinham como louco. A pesquisadora, professora e fundadora do Instituto Cultural Casa da Flor, Amélia Zaluar, conviveu com o artista por oito anos e conta como ele sofria por conta de sua atividade. “Seu Gabriel tinha uma grande força interior. Conseguiu sobreviver e criar o que queria: um lar, e embelezar este lugar. Pairavam sobre ele seis preconceitos: era negro, pobre, analfabeto, filho de escravo, de uma índia e trabalhava com lixo. Em 1923, ninguém entendia. Até o fim da vida, ele foi taxado de maluco, fraco das ideias”, recorda Amélia.

Sobrinho-neto de Seu Gabriel, Valdevir dos Santos, também não dava valor à Casa. Só quando começou a tomar conta da construção e receber os visitantes é que mudou sua concepção. “Depois que eu entrei aqui (em 2001), comecei a receber as pessoas e ver a reação delas. Muitas choravam ao ver a Casa e seu interior. Aí eu percebi que não era o caco de casa que eu pensei que fosse”, relata Valdevir. “Geralmente nos feriados,

chegam até 180 pessoas. Grupos de São Paulo, Minas Gerais, estudantes de arquitetura, professores de mosaico, engenheiros. Isso aqui já recebeu cônsul, príncipe, Ariano Suassuna e Paulo Coelho”, enumera.

Hoje, Valdevir entende que o tio Bé (como carinhosamente chamava Seu Gabriel) “viajava num mundo à frente do nosso”, e o admira pela obra que deixou. O atual zelador da Casa se surpreende com as ferramentas usadas pelo tio-avô e como ele era feliz com o pouco que tinha. “Ele usava apenas um caquinho de uma colher velha de pedreiro, uma de cortar os pedaços de louça e a mais importante, sua cabeça. E a gente pensa que precisa de muito para viver. Ele achava que esta Casa era um palácio.”



Valdevir dos Santos sentado onde Seu Gabriel costumava se acomodar para conversar com as visitas



Religioso, Seu Gabriel fez uma espécie de altar na Casa

Só em 1985 quando faleceu, aos 93 anos, Seu Gabriel parou de fazer intervenções na Casa. Em 1986, Amélia Zaluar, junto com outros admiradores da Casa da Flor, começou a promover exposições pelo Brasil. Ao todo, a mostra passou por 52 lugares. Naquele mesmo ano, a Casa da Flor foi tombada pelo Inepac (Instituto Estadual do Patrimônio Cultural).

Em 2001, a Casa passou por sua primeira restauração, em que foram privilegiados os enfeites, telhado e muro. Porém, com o tempo surgiram outras demandas de reparo na estrutura. Valdevir arrecada a quantia de R\$ 2,00 por visitante para a manutenção, mas não é o suficiente. Em setembro, a Casa da Flor foi tombada pelo Iphan, e com isso a esperança de uma nova restauração aumenta.

A Casa da Flor já ganhou os prêmios *Estácio de Sá*, concedido pelo Conselho Estadual de Cultura, em 2000 e o *Culturas Populares*, dado pelo Ministério da Cultura, em 2007, o que corrobora com a previsão de Seu Gabriel, feita anos atrás. Segundo Valdevir, o tio-avô dizia: “Essa Casa ainda vai ficar para a história”. □



Em 1923, Seu Gabriel começou a encher sua casa de flores



O artista costumava deitar, antes do horário de dormir, só para admirar o teto de sua Casa. Ele acendia uma lamparina e observava o brilho dos seus enfeites

O trabalho do Instituto Cultural Casa da Flor

Em setembro de 2012, o Instituto Cultural Casa da Flor completou 25 anos e a fundadora e divulgadora da arte de Seu Gabriel conta como conheceu o artista e teve a ideia de criar a instituição: “Eu estava em Arraial do Cabo quando li um jornal alternativo falando sobre a Casa da Flor. Curiosa, fui no mesmo dia até lá. O impacto da Casa da Flor e a figura inteligente e sensível dele me deixaram fascinada. Comecei a visitá-lo sempre. Com a morte de Seu Gabriel, eu pensei que não podia ficar com todo aquele material na gaveta, eu tinha que mostrar para o mundo”, conta Amélia Zaluar. A pesquisadora possui um acervo com oito horas de entrevista, cerca de 500 fotos e o caderno de anotações de Seu Gabriel, que aprendeu a ler com um menino que morava perto dele.

O Instituto Cultural Casa da Flor é uma entidade civil sem fins lucrativos e possui atualmente 17 sócios. Os membros pagam R\$ 50,00 por trimestre para custear despesas básicas. Como a organização não possui recursos suficientes, quem quiser ajudar pode fazer doações ou comprar no site cartões postais, pôsters e um documentário. Há ainda um livro pronto sobre o tema, à espera de patrocínio para a publicação.



Amélia Zaluar, fundadora do Instituto Cultural Casa da Flor, organiza exposições e participa de palestras sobre a obra



Suporte confeccionado com louça quebrada para acomodar retrato do criador da Casa.

Mas Amélia e o Instituto ainda querem fazer muito, e quem sabe até encontrar alguém que continue o trabalho de Seu Gabriel na cidade. “Um sonho meu é fazer uma oficina de mosaico na região, para que as pessoas possam elaborar este tipo de trabalho nas fachadas das suas casas”, revela a pesquisadora.

SERVIÇO

Instituto Cultural Casa da Flor

Endereço: Rua Cesário Alvim, 55/308, Bloco A, Humaitá – Rio de Janeiro.
CEP: 22261-030
Tel: (21) 2266-0804
E-mail: casadaflor_instituto@yahoo.com.br

Casa da Flor

Endereço: Estrada dos Passageiros, nº 232. Bairro: Parque do Estoril (antigo Vinhateiro) São Pedro da Aldeia - RJ

Museu Histórico Nacional celebra 90 anos de existência

Fundado por Epitácio Pessoa, a instituição tem a maior coleção numismática da América Latina

NATAN PEREIRA

Considerado o mais importante museu de sua área, o Museu Histórico Nacional completa 90 anos em 2012. Criado após o decreto do então presidente Epitácio Pessoa no dia 2 de agosto de 1922, a instituição conta, atualmente, com um acervo de aproximadamente 350 mil itens, entre eles, a maior coleção numismática (moedas, valores impressos, medalhas, ordens honoríficas, filatelia e sigilografia) da América Latina. Para comemorar as nove décadas de existência, foi lançado um aplicativo para celular e selos comemorativos.

Formado pelas construções históricas Forte de Santiago, Casa do Trem e Arsenal de Guerra, a instituição está localizada na Praça Marechal Âncora, s/nº, Praça XV, Centro do Rio, e detém 67% de todo o patrimônio museológico do Instituto Brasileiro de Museus do Ministério da Cultura, de acordo com a diretora do MHN, Vera Lucia Bottel. Tornou-se pioneiro em ações no campo da museologia, da preservação do patrimônio nacional e referência nas áreas de conservação,



Acima, as luxuosas berlindas, carruagens com quatro rodas



Restaurado, o Museu Histórico Nacional recebe, aproximadamente, 100 mil pessoas por ano

exposição de acervo, produção e difusão de conhecimento.

Quem for ao local vai encontrar 55.600 documentos iconográficos e manuscritos sobre a história do Brasil, que estão disponíveis para o público mediante agendamento prévio. Na biblioteca da instituição é possível encontrar artigos jornalísticos especiais, livros sobre a arte e história do Brasil – como a primeira edição do Livro de Ouro do Museu Nacional, lançado na Semana de Indústria e Comércio de 1922 –, história de Portugal, indumentária, numismática e gastronomia. Entre os itens mais procurados, estão as coleções de fotografias do Rio de Janeiro do fotógrafo Juan Gutierrez (1859/1897) e os 216 documentos do compositor Carlos Gomes entre cartas, fotografias, partituras originais de algumas de suas óperas, como, por exemplo, O Guarani.

O circuito de exposições começa com a escultura equestre de D. Pedro II, assinada pelo escultor Francisco Manoel Chaves (1822/1884). No térreo, é possível encontrar uma exposição referente aos meios de transportes.

Do móvel ao automóvel – transitando pela história exibe 27 peças, entre cadeirinhas de arruar (aquelas que eram carregadas por quatro escravos), berlindas (carruagens com quatro rodas) e um carro do início do século XX, que foi de propriedade do Barão do Rio Branco. Há também veículos



Exposição numismática do MHN

que pertenceram à Casa Real Portuguesa e à Família Imperial Brasileira.

Para comemorar o aniversário, foram confeccionados doze mil selos comemorativos que são acompanhados pela réplica do primeiro porte (envelope) de carta comercial para circulação em território brasileiro. Os exemplares estão à venda na loja do museu.

Para as pessoas que não podem visitar o local, o celular e a internet se tornam aliados. A direção lançou um aplicativo, desenvolvido pela Neo Cultura, que permite ao usuário uma visita online. É possível navegar em mapas, conhecer o acervo, tudo na tela do aparelho. O aplicativo está disponível em três idiomas (inglês, espanhol e português) e possui também vídeos em libras, para garantir acesso a pessoas portadoras de deficiência auditiva. □

SERVIÇO

Endereço: Praça Marechal Âncora – Próximo à Praça XV, Centro, Rio de Janeiro. Telefone: 2550-9220/2550-9224.

Horários: terça a sexta, das 10h às 17h30, aos sábados, domingos e feriados, das 14h às 18h.

Ingressos: de terça-feira a sábado, R\$ 8,00. Crianças até cinco anos, alunos e professores de escolas públicas federais, estaduais e municipais não pagam.

Aos domingos, a entrada é franca. www.museuhistoriconacional.com.br



Para lembrar Herivelto Martins

O ano de 2012 marca o centenário de nascimento do artista, as duas décadas de sua morte e os 70 anos da composição dos sucessos Praça Onze e Ave Maria no Morro, canções que o imortalizaram

THAÍS BRITO

Há exatos cem anos, no dia 30 de janeiro de 1912, nascia no distrito de Rodeio (atualmente Engenheiro Paulo de Frontin), no Rio de Janeiro, Herivelto de Oliveira Martins, um dos maiores compositores da música popular brasileira. Com uma biografia marcada pela combinação de predestinação e adversidade, o artista ganhou notoriedade ao protagonizar, junto com a cantora Dalva de Oliveira, uma disputa musical que marcou uma época. Mas sua história vai muito além deste episódio.

Precoce, aos três anos, Herivelto já estava envolvido com as artes por intermédio do pai, o agente ferroviário Félix Bueno Martins, que fundara um teatro amador, com a ajuda de toda a família. Junto com os irmãos, o menino costumava se apresentar nos espetáculos trajando uma casaca e recitando versos escritos pelo pai. Dentre eles, o “carro-chefe”: *“Tenho três anos de idade/ Nasci para namorar/ Toda menina bonita que vejo/ Me dá vontade de casar”*.

Em 1917, por conta de uma transferência de emprego de Félix, a família mudou-se para Barra do Piraí, onde Herivelto viveu, em circunstâncias bastante modestas, a maior parte de sua infância e adolescência. Ele e os irmãos tiveram que ajudar no sustento da casa vendendo os doces feitos pela mãe, Carlota de Oliveira. Como o pai dizia: *“Na casa de bom homem, quem não trabalha não come”*.

O gosto pela música surgiu aos 10 anos quando Herivelto passou a frequentar a Sociedade Musical União dos Artistas de Barra do Piraí, onde tocava bombardino, pistom e caixa, mas mostrava maior talento com o violão e o cavaquinho, que já “arranhava”. Com apenas nove anos, compôs seu primeiro samba, chamado *Nunca mais*, que não chegou a ser gravado.



Fotos: Arquivo Pessoal

União entre a dupla Preto e Branco e Dalva de Oliveira deu origem ao Trio de Ouro

Adolescente, o pai lhe arranhou um emprego numa loja de móveis, onde passou a desempenhar atividades burocráticas. Nesta época, conheceu os artistas circenses Zeca Lima e Colosso. Atraído pelo circo, entrou para a trupe, formando um trio que excursionou pelo interior do estado do Rio de Janeiro até a prisão dos dois artistas, que eram procurados pela polícia.

Mas foi na década de 30 que a vida de Herivelto ganhou um novo rumo quando, aos 18 anos, após um desentendimento com o pai e após a família ter se mudado para São Paulo, decidiu ir para a casa de seu irmão Hedelacy, no Rio de Janeiro. Foi tentar a sorte levando apenas um cordão, uma medalhinha de ouro e platina e um relógio Roskoff “Estrada de Ferro”, presente da mãe.

Conheceu sua primeira mulher, Maria Aparecida Pereira de Mello, a Mariazinha, com quem teve dois

filhos: Hércio e Hélio. A separação do casal aconteceu depois de cinco anos de relacionamento.

Na então capital federal, o jovem Herivelto se encontrou na música. Rapidamente, enturmou-se com os compositores do Estácio, dentre eles José Luís da Costa, o Príncipe Pretinho, que o apresentou ao compositor e cantor J.B de Carvalho. Este, então, convidou-o para integrar o Conjunto Tupi como corista.

Em 1934, conheceu Francisco Sena, que passou a ser seu parceiro na dupla Preto e Branco, criada depois que os dois passaram a se apresentar no Teatro Odeon. O nome da dupla, dado pelo empresário Vicente Marzulo, inspirou Herivelto a compor a música *Preto e Branco*. Nesse mesmo ano, o cantor Carlos Galhardo gravou *A Vida é Boa* e Mário Reis, *Mais uma Estrela*. Mas foi com canções como *Pedindo a São João*, na voz de Aracy de Almeida, e

a marcha *Samaritana*, interpretada por Sílvio Caldas, que alcançou o sucesso, em 1935.

O CAMINHO PARA A GLÓRIA: A FORMAÇÃO DO TRIO DE OURO

Com a morte de Sena, Herivelto passou a trabalhar sozinho, fazendo apresentações no Cine Pátria como o palhaço Zé Catinga. Lá conheceu, em 1936, uma cantora de uma voz muito aguda que viria a se transformar em uma das principais intérpretes do Brasil, Dalva de Oliveira, com quem se casou anos depois e teve dois filhos: Pery e Ubiratan.

Na mesma época, refez a dupla Preto e Branco com Nilo Chagas, mas Herivelto não estava contente. Sentindo que faltava algo, iniciou uma série de testes com a voz de Dalva. As experiências musicais deram resultado e os três passaram a se apresentar juntos. Como Dupla Preto e Branco e Dalva de Oliveira, entraram para o cast da Rádio Nacional. Mas um dia, o apresentador César Ladeira, animado com a música deles, os anunciou: “Vamos ouvir agora esse conjunto vocal, Dalva de Oliveira e a Dupla Preto e Branco. Um Trio de Ouro!”. Surgia, ali, o Trio de Ouro.

O grupo iniciou sua trajetória no Cassino da Urca, em 1939, e no ano seguinte gravou o sucesso *Ave Maria no Morro*, considerada por muitos a mais importante canção composta por Herivelto.

No fim da década de 40, no auge da carreira, o Trio de Ouro foi desfeito com a separação de Herivelto e Dalva. O fim tumultuado do casamento se transformou num grande duelo musical entre compositores e intérpretes e foi alvo de ampla cobertura de jornais e revistas. A briga conjugal, que se tornou pública, deu origem a clássicos do samba-canção. Herivelto compôs: *Caminho Certo*, *Teu Exemplo*, *Cabelos Brancos*, *Não Tem Mais Jeito*, *Teu Travesseiro* e *Perdoar*. Do lado de Dalva surgiram *Errei Sim*, de Ataulfo Alves, *Abajur Lilás*, composta por Marino Pinto e Mário Rossi, e *Tudo Acabado*, escrita por Heitor dos Prazeres.

A atriz Yaçanã Martins, filha do relacionamento de Herivelto com a comissária Lurdes Torelly (os outros dois foram Fernando José e Herivelto Filho), relembra a lendária disputa



A face mais conhecida de Herivelto

do casal: “Para o público ficou a briga, mas por trás dela existiram duas pessoas que se machucaram muito”, acredita. Na sua opinião, Dalva rompeu com os padrões. “Isso atingiu muito o papai, que era um homem da época. Autores corriam atrás dela, que estava no auge do sucesso, para gravar suas canções e ele começou a dar a resposta. Isso gerou o duelo musical que foi um ganho para a música brasileira”, conta. A primeira formação do Trio de Ouro atuou até 1949, ano do fim do casamento de Herivelto com Dalva. Mas o grupo ainda teve três formações, sendo que nenhuma alcançou a mesma notoriedade.

OUTRAS FACETAS DE HERIVELTO

A defesa dos direitos autorais também foi uma luta de Herivelto durante a vida. Em 1963, foi eleito presidente do Sindicato dos Compositores, cargo que voltou a ocupar em 1971. Também foi membro da Sociedade Brasileira de Autores, Compositores e Escritores de Música, SBACEM, tendo exercido o cargo de presidente do Conselho Deliberativo



Primeira formação da dupla Preto e Branco, com Francisco Sena

na década de 1960. “Ele foi muito atuante, não tinha medo de briga. Lutou e conseguiu o reconhecimento da profissão de compositor”, lembra Yaçanã. Também foi um dos responsáveis, ao lado de Noel Rosa, Ary Barroso e Lamartine Babo, pela consolidação do gênero como arte genuinamente brasileira num período em que o samba de morro começava a descer para o asfalto. Outra paixão que tinha era a Estação Primeira de Mangueira, sua escola de coração, para a qual dedicou diversas canções.

Mas o lado compositor sempre se sobressaiu. Suas canções foram gravadas pelos mais renomados artistas da música popular brasileira. Entre eles Francisco Alves, Aracy de Almeida, Sílvio Caldas, Aurora Miranda, Carmen Miranda e Nelson Gonçalves. Avaliando a importância do trabalho de Herivelto, o musicólogo Ricardo Cravo Albin destaca a grandiosidade do artista: “A importância de Herivelto deveu-se a dois motivos: primeiro, por ter sido um músico que experimentou sucesso permanente ao longo da carreira. Segundo, como intérprete, criando um dos maiores trios vocais da música brasileira, além de ter lançado a cantora, e sua esposa na época, Dalva de Oliveira. Por conta disso, o diferencial dele reside nesta face radiosa de duplicidade”.

Para o radialista e professor da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a ECO/UFRJ, Fernando Mansur, o legado deixado por Herivelto está relacionado à coerência de sua obra, à sua brasilidade, ao amor pelo Carnaval, pela Mangueira e pela Praça Onze. “A lembrança que permanece é a do ser humano, do compositor, do poeta, do músico e do artista completo. Ele tem uma presença forte até hoje, influenciando artistas que gravam novamente suas músicas”, aponta Mansur.

Herivelto faleceu em 17 de setembro de 1992, aos 80 anos. Para sua única filha, ele morreu de amor. “Meus pais eram muito parceiros. Após a morte de mamãe, papai começou a ficar muito fragilizado. Suspeitava-se de aneurisma de aorta ascendente, mas os exames não acusavam nada. Ele morreu de amor, não aguentou viver sem ela”, explica, emocionada. □

Cinema de guerrilha na Baixada: transpondo fronteiras e barreiras econômicas

Grupo de amigos e loucos por cinema de São João de Meriti conseguiu emplacar curta em Festival de Cinema de Bogotá no mês de outubro

ISABEL MUNIZ

Com “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça” nasceu o Cinema de Guerrilha na Baixada (CGB), um movimento de cineastas de São João de Meriti que utiliza os recursos que têm ao alcance para fazer curtas-metragens e documentários de temática majoritariamente de teor crítico social. Em 2012 o movimento completou somente um ano, mas já acumula prêmios e menções honrosas por festivais de todo Brasil, e até do exterior. Em outubro, os auto-intitulados guerrilheiros da arte representam o país no 29º Festival de Cinema de Bogotá, com o filme carro-chefe do CGB “O Mendigo”.

Os guerrilheiros de São João de Meriti ganharam notoriedade quando participaram em julho de uma mostra com debate no Ponto Cine (em Guadalupe), onde, no mês anterior, participou o cineasta Cacá Diegues, que hoje troca e-mails com os integrantes do CGB. Mas o que deu mais visibilidade mesmo ao grupo foi a coluna do Artur Xexéo, em setembro, no jornal O Globo, sobre o movimento e um de seus mentores, Ricardo Rodrigues.

O curta de mais sucesso do CGB, “O Mendigo”, já participou de 46 festivais e mostras de cinema e aborda o preconceito sofrido pelas pessoas que moram nas ruas. No filme, um psiquiatra caracterizado como morador de rua vai a um açougue, tem dinheiro para comprar os bifes, mas pela sua aparência desperta receio nas outras pessoas que estão no estabelecimento, que pedem sua retirada do local. A situação é verídica e aconteceu em 2000 com Ricardo Rodrigues, gerente de dois açougues em São João de Meriti. Na época, o açougueiro-cineasta escreveu o roteiro e a história ficou guardada. Só em 2010, sem pretensões, somente para realizar o sonho



Fotos: Arquivo Pessoal

Ricardo Rodrigues em ação como diretor nas ruas de São João de Meriti

de ver sua história nas telas, Ricardo e o futuro guerrilheiro Kaado Pinheiro conseguiram fazer o curta. Ricardo se vestiu de mendigo, “foi para o outro lado” e sentiu na pele como é o cotidiano de um morador de rua. Não só em “O Mendigo”, como em todos os filmes do CGB, o grupo faz tudo: edição, roteiro, direção, interpretação, trilha sonora, texto.



Cartaz de divulgação do curta O Mendigo

“O Mendigo” saiu dos limites do município e ficou em segundo lugar no IguaCine (Festival de Cinema da Cidade de Nova Iguaçu) e quarta posição no Cine Cufa, onde ganhou uma câmera. Uma curiosidade sobre esta câmera é que ela possui o apelido de Olga (nome da primeira esposa de Luís Carlos Prestes), segundo Kaado Pinheiro, “ambas são guerrilheiras”. A partir daí, o curta foi para vários cantos do país, como Bahia, Paraná, Ceará. “O

lema do CGB é desbravar fronteiras, derrubando barreiras através do cinema, e a gente está conseguindo isso”, acrescenta Ricardo Rodrigues ao falar da passagem dos filmes que estão saindo do país e chegaram a Los Angeles, Argentina e Colômbia.

O Cinema de Guerrilha na Baixada só nasce como movimento organizado em 2011, quando integrantes do grupo, durante um dia de domingo no bar, gravando a luta de uma abelha para sobreviver dentro de um copo de cerveja, tiveram a ideia de fazer uma espécie de esqueleto, transformada em curta (“Dona Irosnilde”) logo em seguida.

Os cineastas de São João de Meriti não possuem patrocínio, seus recursos são provenientes de rifas de kits churrasco e apoio de alguns estabelecimentos comerciais. Hoje o CGB é formado por Ricardo Rodrigues, Kaado Pinheiro, Vitor Gracciano, J. Ullivan, Fernando Silva e Thuainy Campos.

TREINAMENTO DE NOVOS GUERRILHEIROS

Desde agosto, CGB oferece uma Oficina de Cinema de Guerrilha com foco nas pessoas que não têm condições de pagar por um grande curso de cinema. Com preço popular (R\$ 20 ao mês), os alunos aprendem interpretação, roteiro, câmera e edição, tudo de guerrilha. □

Para saber mais sobre o CGB e a Oficina de Cinema de Guerrilha:
Site: www.cinemadeguerrilha.com.br
Telefone: 7847-3242

Sempre é tempo para aprender

Com mais de 100 cursos livres, programa gratuito voltado aos idosos, na UERJ, tem como missão promover a qualidade de vida na terceira idade

THAÍS BRITO

Engana-se quem pensa que na Universidade Estadual do Rio de Janeiro só há espaço para os jovens. Prova disso é a Universidade Aberta da Terceira Idade, a UnATI/UERJ, um projeto que tem como meta a melhoria da saúde física, mental e social da população acima de 60 anos. Idealizada pelo professor da UERJ Américo Piquet Carneiro no final da década de 80, a instituição desenvolve atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão. Além de atividades socioculturais, educativas, oferece também atendimentos jurídico, social, psicológico, nutricional, de saúde e ações de cidadania orientadas para os mais velhos.

Referência no atendimento ao idoso, a instituição disponibiliza cerca de 100 cursos e oficinas gratuitas, tais como informática, línguas estrangeiras, dança de salão, ginástica, pilates e conhecimentos específicos para a terceira idade. Para participar, é preciso ter no mínimo 60 anos. A inscrição é feita por ordem de chegada e sorteio, no caso dos cursos com maior demanda, e cada um pode se matricular em até três disciplinas, como explica a coordenadora pedagógica do projeto, Célia Sanches. “O limite é por conta da impossibilidade do idoso conciliar mais cursos, já que as aulas acontecem duas vezes na semana. Além disso, é uma forma de dar oportunidade para mais alunos participarem também”, conta.

Na UnATI, as aulas são marcadas pela alegria e pela participação dos estudantes. Nestes quesitos, a professora universitária aposentada Maria Martha Barbosa, 81 anos, se destaca. Há cinco anos frequentando o local, ela lembra que foi a falta que sentia do ambiente escolar que a motivou a voltar a estudar.

“Eu passei a minha vida inteira dentro da escola. Mas depois que me aposentei fiquei sem fazer nada porque tinha neto pequeno e ajudava na criação dele, já que minha filha trabalhava fora. Só voltei a estudar de novo quando descobri um curso perto da minha casa exclusivo para mulheres, mas no quinto ano eu fiquei entediada. Então, uma colega



Fotos: Lucas Dumphreys

Salas da aula cheias e alunos participativos: um cenário típico do dia a dia na UnATI



Exemplo de dedicação, o químico Carlindo Alfinito Filho, 79 anos, participa do projeto há mais de uma década

de turma me convidou para vir para cá. Eu vim e não saí mais”, conta, sorridente, a aplicada aluna dos cursos de jornalismo, de gerontologia e UnATI no Futuro, que conta com o apoio do canal de televisão.

A saudade de aprender também foi o motivo que levou o químico Carlindo Alfinito Filho, 79 anos, a procurar o projeto há 14 anos. “Quando me aposentei, meu cérebro pedia para ser exercitado. Mas lia um livro e achava chato, o mesmo acontecia com o jornal até que um dia vi o anúncio da UnATI. Resolvi conhecer o projeto e desde então estou aqui”, resume.

Por conta do grande número de interessados em participar dos cursos livres, a UnATI promove também atividades para integrar aqueles que não puderam, por falta de vagas, participar das atividades regulares. São *workshops*, oficinas, palestras, apresentações de canto e dança, exposições de artes plásticas, festas, bailes, entre outras. Tudo para garantir uma vida com qualidade para a turma da melhor idade. □

Universidades da terceira idade no mundo e no Brasil

A primeira universidade destinada ao público idoso surgiu no final da década de 60 na França. O objetivo era servir de espaço para atividades culturais, tendo como meta preencher o tempo livre e promover as relações sociais entre os alunos. Com o surgimento da segunda geração em 1973, em Toulouse, na França, a questão do ensino e da pesquisa ganhou destaque. Na década seguinte, a elaboração de um programa educacional mais amplo para atender a uma população de aposentados cada vez mais nova e escolarizada marcou a terceira geração.

No Brasil, a pioneira foi a UnATI da Universidade Federal de Santa Catarina, criada em 1983. Com base nas experiências francesas e nas diretrizes previstas no Plano Internacional de Ação sobre o Envelhecimento das Nações Unidas, a multiplicação de programas voltados para idosos nas universidades brasileiras ganhou força na década de 1990.

SERVIÇO

Para mais informações sobre a programação da UnATI, acesse o site da instituição (www.unati.uerj.br) ou entre em contato pelo telefone (21) 2334-0168.

A poética Friburgo

Fotos: Divulgação



Montanhas e bucolismo estão presentes em todas as paisagens de Nova Friburgo, como nesta imagem do Country Club

“Um dia – além dos Órgãos, na poética Friburgo – isolado dos meus companheiros de estudo, tive saudades da casa paterna e chorei.

Era de tarde; o crepúsculo descia sobre a crista das montanhas e a natureza como que se recolhia para entoar o cântico da noite; as sombras estendiam-se pelo leito dos vales e o silêncio tornava mais solene a voz melancólica do cair das cachoeiras. Era a hora da merenda em nossa casa e pareceu-me ouvir o eco das risadas infantis de minha mana pequena! As lágrimas correram e fiz os primeiros versos da minha vida, que intitulei – Às Ave-Marias: – a saudade havia sido a minha primeira musa.”

Casimiro de Abreu

LUIZ AUGUSTO ERTHAL

Nova Friburgo não tinha mais do que três décadas de existência e já era, no dizer de Casimiro de Abreu (1839-1860), a “poética Friburgo”. Na introdução de sua obra-prima, *Primaveras*, o jovem poeta – certamente o mais popular de todos os românticos até hoje – expressa o encantamento despertado pela cidade serrana, para onde fora mandado na adolescência pelo pai para estudar no internato Freese. No livro, Friburgo precede até mesmo a sua amada Indaiáçu – atual município de Casimiro de Abreu –, cantada em muitos de seus versos, como no célebre poema “Meus oito anos”.

A poesia parece ter entrado de fato na gênese da cidade, que, junta-



Moças da sociedade friburguense posam para foto na Fonte do Suspiro em 1886

mente com Petrópolis e Teresópolis, forma o mais importante circuito turístico da serra fluminense. A “Suíça Brasileira”, como é conhecida até hoje pela marcante influência da colonização européia, cativou muitos outros poetas além de Casimiro, cuja relação com a cidade ultrapassou a fase de estudante. Foi em Friburgo que ele buscou alento quando sentiu os sintomas da doença que o levaria à morte em apenas 21 anos. Num rompante temeroso, Casimiro, segundo o pesquisador Mário Alves de Oliveira – autor das *Obras completas de Casimiro de Abreu*, publicadas em 2010, no sesquicentenário de morte do poeta –, decidiu descer a serra na companhia de um amigo em uma noite muito fria rumo a Indaiáçu, o que teria contribuído para o agravamento de seu estado de saúde e para a morte que viria dias depois, na casa

paterna, provavelmente vitimado por uma pneumonia.

A tragédia de Casimiro, própria da retórica do Romantismo, serviria para realçar o caráter poético de Friburgo. Outra tragédia, esta limitada ao campo lírico, narraria, anos mais tarde, a solidão de um cisne após a morte do companheiro na poesia “Os Cisnes”, do friburguense Júlio Salusse (1872-1948), apontada por alguns críticos como o mais perfeito soneto da poesia brasileira. Não por acaso a principal atração turística da cidade no século XIX era a Fonte do Suspiro, de onde jorravam três vertedouros de água denominados “amor”, “saúde” e “ciúme”, e cujos nomes foram incrustados na pedra que sustentava as bicas.

O local iria se tornar o ponto de encontro de namorados e poetas e também inspiraria a letra do hino oficial da cidade: “(...)do suspiro na fonte saudosa/ há três almas que gemem de dor/repetindo esta prece maviosa/da saudade, do ciúme e do amor(...)”. Ali também iriam se reunir os trovadores para os Jogos Florais, que fariam de Friburgo nacionalmente conhecida como “A cidade da trova”. Os eventos se popularizaram no século XX e eram prestigiados por poetas famosos, como J. G. de Araújo Jorge.

Localizada na Praça do Suspiro, entre a Igreja de Santo Antônio e o Tiro de Guerra, a fonte bucólica seria destruída em janeiro de 2011 por outra tragédia nada romântica – na verdade, o maior desastre ambiental do país, que causou a morte de centenas de pessoas e devastou grandes áreas de várias cidades da serra fluminense. Friburgo foi a mais castigada pelas enchentes e desabamentos, entre os quais o do Morro da Cruz, onde ficava a base do teleférico que partia da Praça do Suspiro. A fonte ficou totalmente soterrada, assim como parte da igreja de Santo Antônio e da Praça da Colônias – o conjunto memorialístico criado para representar as etnias que ajudaram a colonizar a cidade.

Mas o lirismo não acabou.

No último 1º de agosto, dia em que se comemora a data nacional da Suíça, um grupo de friburguenses vestidos em trajes típicos fez o “cortejo de lanternas e fogueira” e dançou ao som de músicas folclóricas suíças. Era a primeira vez, desde a tragédia ocorrida há um ano e meio, que participantes das colô-



Reprodução

A vila de Nova Friburgo na década de 1830, em óleo de Johann Strinmann



Foto: Luiz Augusto Erthal

Friburguenses voltaram a comemorar o Dia da Suíça esta ano

nias instaladas na Praça do Suspiro retomavam suas atividades para preservação da memória e da cultura dos colonizadores. Pequenas lanternas com a cruz vermelha símbolo da Suíça cintilavam diante de um grupo reduzido, mas comovido de assistentes.

A fé no futuro e o espírito de superação foram herdados pelos atuais friburguenses de seus patriarcas europeus, que precisaram superar enormes dificuldades para estabelecer o primeiro núcleo colonizador suíço-alemão do Brasil. Depois de dominada e vencida a densa floresta tropical, eles se depararam com a inadequação do solo para a agricultura e tiveram que buscar outras atividades diferentes de seu propósito inicial, lançando os pilares para o desenvolvimento sócio-econômico baseado na educação, no turismo

e na indústria que caracterizam a economia da moderna Friburgo.

Além de uma ampla infraestrutura turística, localizada tanto na cidade como em distritos como Mury, Lumiar e São Pedro da Serra, composta por muitos hotéis, pousadas e restaurantes, Friburgo construiu ao longo dos anos um importante parque industrial, voltado principalmente para as indústrias têxteis e metalúrgicas. É o principal polo de moda íntima do país, com centenas de confecções. E a agricultura, que se mostrara desanimadora para os primeiros colonizadores, acabou ganhando mais recentemente um lugar de destaque na atividade econômica do município através da exploração de sua vertente mais poética: a floricultura. Friburgo também é hoje o segundo maior produtor de flores do Brasil.

A COLONIZAÇÃO

A Friburgo que Casimiro conheceu contava com poucos anos de existência desde a chegada dos primeiros imigrantes alemães e suíços ao Brasil, em 1819, levados para a localidade de Morro Queimado – a região central da atual cidade – dentro de um projeto de colonização iniciado por D. João VI. Devastados pelas guerras napoleônicas, países europeus, como Alemanha e Suíça, formavam àquela época verdadeiros celeiros de mão-de-obra barata e de excelente qualidade; pessoas desejosas por iniciar uma nova vida longe dos rigores de uma Europa convulsionada por revoluções e conflitos bélicos de escala continental.

A vastidão do território brasileiro ainda inabitado no início do século XIX exigia contingentes de trabalhadores fortes e bem preparados para ocupá-lo. E o ponto escolhido para ser o marco desse projeto foi uma região que ficava a apenas 21 léguas da Corte, conhecida como Sertões de Macacu. Em seu livro *Cantagalo – Da miragem do ouro ao esplendor do café*, o historiador Clélio Erthal conta como uma vasta região do território fluminense permaneceu intocada por quase três séculos, considerada pela Coroa Portuguesa como uma área de exclusão, cuja ocupação havia sido proibida para evitar o surgimento de novas rotas de contrabando do ouro.

A região da atual cidade de Cantagalo, acima de Nova Friburgo, começou a ser desbravada no final do século XVIII, a partir da invasão do território na divisa com Minas Gerais por um garimpeiro fora-da-lei, conhecido como Mão de Luva. Morro Queimado, destino dos primeiros colonos suíços, ficava pouco depois de virada a última cadeia de montanhas na vertente esquerda da Serra dos Órgãos. Era um ponto estratégico para a ocupação dos Sertões de Macacu. Os europeus, contudo, não imaginavam o preço a ser pago nesta empreitada.



A bacia do rio Macacu, com a demarcação dos 120 lotes distribuídos aos suíços

Quando deixaram os portos de Rotterdam e Amsterdam, após percorrerem o primeiro trecho da viagem, entre a Suíça e a Holanda, pelo curso do rio Reno, os 2013 passageiros dos navios *Urânia*, *Daphné*, *Debby-Elisa*, *Elisabeth-Marie*, *Heureux Voyage*, *Deux Catherine* e *Camillus* embarcaram em um sonho encantado de um novo mundo – sem guerras, sem fome e repleto de oportunidades. Incumbido por D. João VI de arregimentar os colonos, Sebastien-Nicolas Gachet, enviado pelo monarca à Europa, atraiu-os com a seguinte nota publicada na *Gazette de Lausanne*:

“O clima convém perfeitamente aos europeus. A terra é de pasmosa

fertilidade, tudo pega de estaca; qualquer ramo de árvore cortado e fincado na terra espontaneamente pega, podendo-se semear a horta quase todos os meses e se podem ter duas colheitas de batatas; o milho dá duzentos e trezentos por cem; toda a casta de criação se multiplica à proporção da fertilidade do solo e da benignidade do clima.”

Mas a aventura já apresentaria os seus prenúncios trágicos ainda na viagem. Morreram na travessia do Atlântico 311 pessoas e mais 35, vítimas de impaludismo contraído na Baixada Fluminense, no trajeto entre o Rio de Janeiro e Morro Queimado. Ao chegarem a seu destino, os colonos foram distribuídos em grupos de 17 ou 18 pessoas, formando as “famílias artificiais” que ocuparam as 100 casas geminadas construídas pelo Reino para abrigar não

mais do que uma centena de famílias. O excesso de imigrantes trazidos da Suíça, porém, tornou insuficiente a infraestrutura montada no núcleo colonizador.

Ao contrário da propaganda feita na Europa, os imigrantes, distribuídos depois em lotes de 300 braças de frente por 750 de fundos, descobririam rapidamente que a realidade era bem mais pedregosa. Boa parte das terras estava em regiões improdutivas, cobertas de pedras. A agricultura de sobrevivência foi praticada por grande parte dos colonos durante os primeiros anos da empreitada, que, ainda assim, continuou recebendo novas levas de imigrantes, trazendo agora os primeiros alemães para se estabelecerem no Brasil.

Cinco anos após a chegada dos suíços, sendo o Brasil já um país independente, Friburgo iria se transformar por acaso no berço da imigração alemã também. Por determinação de D. Pedro I, 400 imigrantes alemães que aguardavam em 1824, na Ponta da Armação, em Niterói, a decisão do governo brasileiro sobre o local em que seriam assentados, são enviados para a Vila de Nova Friburgo. Esse grupo havia sido arregimentado



O Colégio Anchieta preserva hoje a tradição do bom ensino

em 1823 na Alemanha pelo major George Antônio Scheffer, que fora encarregado pelo Império do Brasil a criar dois núcleos de colonização nas cidades de Leopoldina e Frankenthal, na Bahia. No entanto, por razões desconhecidas ainda hoje, os imigrantes foram trazidos para o Rio de Janeiro.

Ao contrário dos suíços, os alemães pagaram suas passagens para o Brasil, não receberam qualquer subvenção do governo brasileiro e tiveram que esperar 16 meses até receberem as terras prometidas em contrato na Alemanha. Muitos deles também não suportaram as privações dessa longa espera e morreram antes de terem a oportunidade de se esforçar no trabalho por uma vida melhor.

Mas o que parecia uma das principais barreiras para o sucesso do projeto colonizador acabou se transformando em solução e inspirando

algumas das vocações do atual município. Preocupado com as dificuldades linguísticas e culturais, o governo brasileiro dedicou especial atenção à educação em Nova Friburgo, que chegou a possuir, ainda na primeira metade do século XIX, dois estabelecimentos de ensino de reputação nacional: o Instituto Freese, fundado pelo irlandês John Henry Freese no local onde mais tarde seria instalado o Colégio das Dorotéias, e o São Vicente de Paula, fundado no antigo *Château* pelo Barão de Tauphoeus, da Baviera.

O desenvolvimento da educação e a busca crescente por boas escolas e clima ameno levaram para Friburgo a atividade turística e hoteleira, até hoje uma das principais da cidade, que passou a ser procurada por estudantes, veranistas e pacientes em busca de tratamento de doenças como a tuberculose. O crescimento urbano

e os contatos dos imigrantes com seus amigos e parentes na Europa, dando notícias dos progressos do núcleo estabelecido no Brasil, ensejaram a vinda de novos europeus. No início do século XX, muitos imigrantes chegaram, principalmente da Alemanha, agora não mais em busca de meios de sobrevivência no Novo Mundo, mas com uma visão empreendedora.

O processo de industrialização de Nova Friburgo, sobretudo nos setores têxtil e metalúrgico, foi um dos mais expressivos do Estado do Rio. Várias fábricas foram estabelecidas na cidade, muitas delas patenteadas nos nomes a origem alemã de seus criadores: Fábrica de Rendas Arp, Ferragens Haga, Fábrica Ypu (Maximilianus Falck), Fábrica Filó (Otto Siems), entre outras pioneiras da era industrial que mudou o perfil do antigo núcleo colonial agrícola. □

Flores e *lingeries*: economia com toque feminino

Foto: Divulgação



Desfile de moda íntima durante a Fevest

Foto: Luiz Augusto Erthal



Friburgo é o segundo maior produtor de flores de corte do país

Dois dos elementos mais emblemáticos do universo feminino, flores e *lingeries* formam atualmente dois dos principais pilares da economia friburguense. O município é hoje o mais importante polo de moda íntima e o segundo maior produtor de flores de corte do país. Não é por acaso que a beleza e a poesia estão associadas à cidade.

O setor de moda íntima reúne cerca de 900 empresas sediadas em sua maioria em Nova Friburgo, mas também em cidades vizinhas, como Bom Jardim, Cordeiro, Duas Barras, Cantagalo e Macuco, gerando mais de 20 mil empregos diretos. Apenas Friburgo congrega 30% das confecções fluminenses e responde por 18% do Produto Interno Bruto estadual do vestuário. Isso representa um faturamento em torno de R\$ 600 milhões por ano.

A cidade também realiza anualmente a Fevest, a mais importante feira de moda praia, *lingerie*, *fitness* e matéria-prima da América Latina, reunindo perto de 200 expositores. A principal finalidade do Polo de Moda Íntima de Nova Friburgo e Região, que completou 15 anos de existência, é capacitar os confeccionistas para ganharem competitividade nacional e internacional.

No fim dos anos 60, uma tradicional indústria de tecelagem da cidade de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, foi comprada por uma multinacional, que começou a produzir *lingerie*. Já no final da década de 70, com a crise econômica, houve a diminuição drástica dos postos de trabalho, levando as costureiras desempregadas a trabalharem em suas próprias casas, produzindo *lingerie*. Começaram, assim, novos empreendimentos da moda íntima, responsáveis pelo dinamismo do crescimento da indústria do segmento na região.

Foi no ano de 1997 que começou a ser criado o Polo de Moda Íntima de Nova Friburgo e Região. A FIRJAN e o SEBRAE patrocinaram os estudos realizados pela FGV sobre os APLs das cidades do Rio de Janeiro, para alavancar seu desenvolvimento. Devido ao grande potencial percebido na cidade serrana na produção de moda íntima, a FIRJAN decidiu dedicar-se com mais empenho à Nova Friburgo. Surgiu, então, o Distrito Industrial do Polo de Moda Íntima de Nova Friburgo e Região, baseado nos métodos dos distritos industriais italianos. Esse projeto envolveu as empresas de confecção direcionadas ao mercado de moda íntima, com a parceria de entidades que deram um importante auxílio no processo, como SEBRAE, FIRJAN, SindVest, IPRJ/UERJ e SENAI.



Queijos são fabricados com padrão suíço na Frialp



A Praça Getúlio Vargas, com seus majestosos eucaliptos, no Centro

Fotos: Divulgação

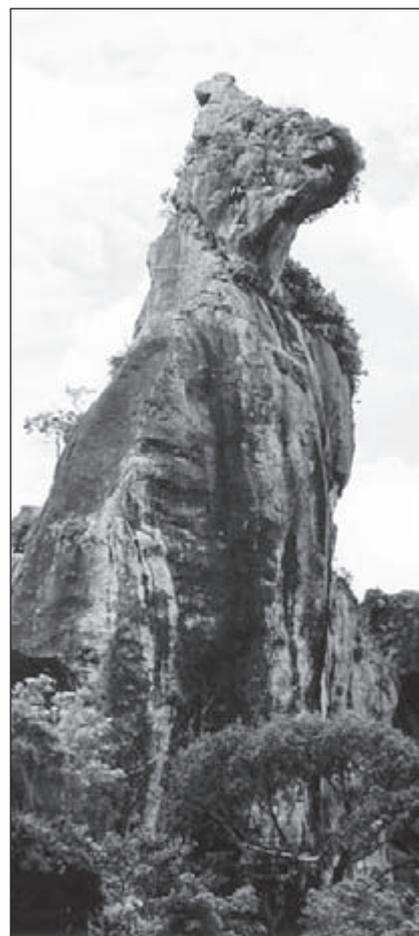
Mata Atlântica e atrações a mais de 2 mil metros de altitude

Com uma das maiores coberturas de Mata Atlântica do Brasil, Nova Friburgo oferece uma grande diversidade de atrativos turísticos, tanto para os admiradores da cultura alemã, que encontram na gastronomia e em diversas manifestações culturais as marcas da colonização, quanto para amantes da natureza em busca de paraísos ecológicos. Mais de 60 por cento das montanhas da região ficam a mais de 1000 metros de altitude, chegando algumas a 2300 metros. Nelas se encontram cachoeiras, rios, lagos, mirantes, criações de trutas, de cabras, de cavalos, plantações de flores, legumes e verduras.

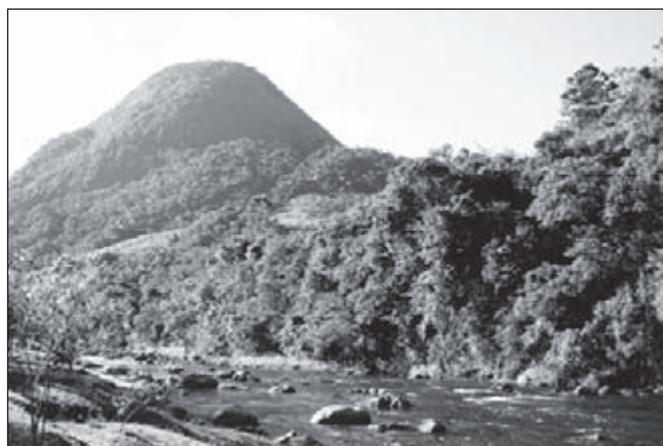
Os apreciadores de esportes radicais desfrutam de inúmeras opções, como canoagem, *rafting*, voo livre, *enduro*, *MotoCross*, *mountain bike* e trilhas. Mas é no sossego das pousadas, nas caminhadas, nos passeios a cavalo que a maioria dos turistas de todas as idades se encontra com a

paz das montanhas. Veja algumas das atrações turísticas do município:

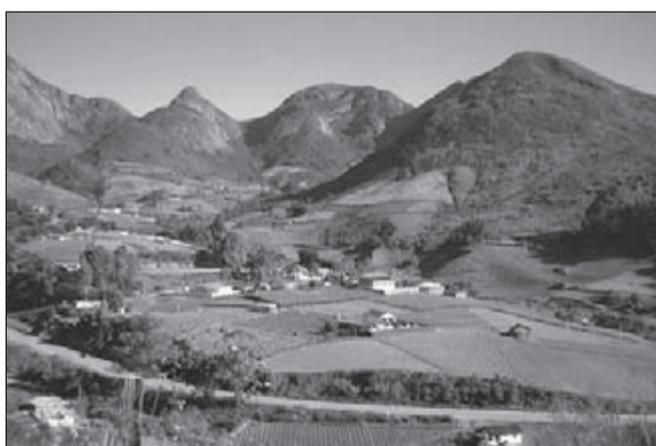
- Queijaria Escola FRIALP, situada na RJ-130 (Teresópolis-Friburgo);
- Polos gastronômicos de Mury e do Cônego, com uma dezena de restaurantes nas mais diversas especialidades, inclusive com Biergarten para degustação de cervejas no melhor estilo alemão;
- Parque Furnas do Catete, na RJ-116 (Friburgo-Bom Jardim), onde se localiza a Pedra do Cão Sentado;
- A Praça Getúlio Vargas, no Centro.
- Nova Friburgo Country Clube, onde se localiza o Chalé do Barão de Nova Friburgo (1860);
- Distritos de Lumiar e São Pedro da Serra (turismo ecológico);
- A Pedra Riscada (alpinismo);
- Pavilhão das Artes, no bairro do Cônego;
- Praça do Suspiro, onde se encontram a Praça das Colônias e o teleférico (desativado após os desabamentos do ano passado).



Pedra do Cão Sentado, um dos cartões postais da cidade



Rio encachoeirado no distrito de São Pedro da Serra



A estrada Teresópolis - Friburgo corta incontáveis plantações de hortaliças

CANTAGALO

De Mão de Luva a Euclýdes da Cunha

A cidade de Cantagalo pode ser considerada o núcleo de uma vasta região do território fluminense, cujos limites originais, quando de sua constituição político-administrativa, confrontavam com Resende, ao sul, e com Campos, ao norte. Ou seja, preenchia o lado superior do Estado do Rio, fronteiro com Minas Gerais, quase de uma ponta a outra. Nada menos do que 14 dos atuais municípios fluminenses – entre eles, Friburgo e Teresópolis – nasceram à sua sombra, a partir do retalhamento de seu território original.

O nome do município está diretamente ligado ao episódio que originou a ocupação dessa região, considerada pela metrópole portuguesa como uma área de exclusão no tempo do Brasil colônia, a fim de dificultar o contrabando do ouro extraído em Minas Gerais. Conta a lenda que o canto de um galo teria denunciado aos guardas coloniais a localização do acampamento de um garimpeiro fora-da-lei, conhecido como Mão de Luva, que invadiu em 1780 aquele território proibido em busca de novos garimpos de ouro.

A lenda de Mão de Luva, reproduzida em livros e nos ditos populares, dominou o imaginário do povo cantagalense por muitos anos. Acreditava-se que esse personagem misterioso teria sido um nobre português – o Duque de Santo Tirso – namorado da princesa de Portugal – posteriormente a Rainha Maria I – e que teria fugido para o Brasil após cair em desgraça em seu país. Antes da partida, a amada teria lhe dado um beijo na mão, a qual ele jurara que ninguém mais a tocaria, daí a razão de estar sempre calçando uma luva.

A veracidade do conto romântico, porém, foi derrubada pelas pesquisas do historiador Clélio Erthal em seu livro *Cantagalo – da miragem do ouro ao esplendor do café*. Manuel Henriques, o Mão de Luva, de fato existiu, mas não tinha nada de nobre, não passando de um aventureiro fora-da-lei, cuja contribuição histórica foi penetrar naquela zona de exclusão, dando início ao processo de conquista e ocupação da área. “Dali é que partiram, pelas linhas de penetração, as correntes coloniza-



A Fazenda da Saudade, onde nasceu Euclýdes da Cunha (detalhe), atualmente é ocupada por uma fábrica de cimento



O Palacete do Gavião, do Barão de Nova Friburgo, foi projetado pelo mesmo arquiteto que construiu o Palácio do Catete, no Rio, sede do governo brasileiro até a transferência da capital para Brasília

doras e os jatos de desenvolvimento econômico e civilizatório que fizeram de Cantagalo uma das mais prósperas e cultas células da Velha Província”, segundo Clélio Erthal.

A prosperidade veio com o ciclo do café, logo após uma curta fase de atividade mineradora que revelou a escassez de ouro da região, desencorajando os garimpos. Marcas dessa fase esplendorosa, quando a cidade tornou-se conhecida até internacionalmente como um dos principais polos produtores de café no Brasil, podem ser vistas até hoje em opulentas fazendas, como a do Gavião, que pertenceu ao Barão de Nova Friburgo e foi projetada pelo arquiteto alemão Carl Friedch Gustavo Wehmelt, que também construiu o Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, sede do governo brasileiro durante a República até a construção de Brasília.

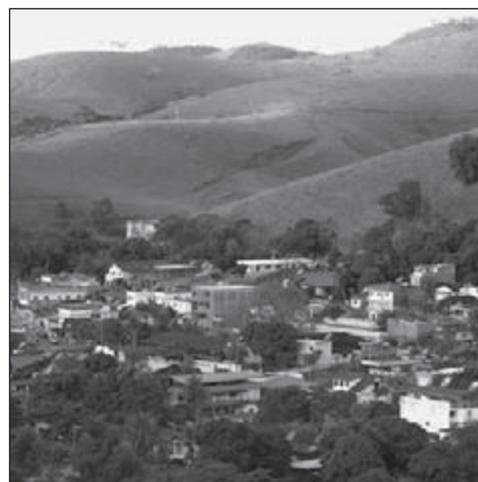
Após o ciclo do café, o município se voltou para a pecuária até que, na segunda metade do século XX, a atividade mineradora voltou a ser o principal fator de seu desenvolvimento econômico. Não mais, agora, para exploração de ouro, mas para extração das grandes jazidas de calcário presentes em seu subsolo. A fazenda em que se localiza atualmente uma das três grandes fábricas de cimento do município – Fazenda da Saudade – foi onde nasceu o escritor Euclýdes da Cunha, mais famoso filho da terra. Ali, o autor de *Os sertões*, considerada a mais importante obra da literatura brasileira, passou os seus três primeiros anos de vida, sendo por isso cultuado até hoje pelos habitantes da cidade que abriga o museu Casa de Euclýdes da Cunha, onde, entre outros pertences do escritor, está preservado em formol o seu cérebro.



A Praça Nilo Peçanha, em Trajano de Moraes



A Sede da Prefeitura de Duas Barras



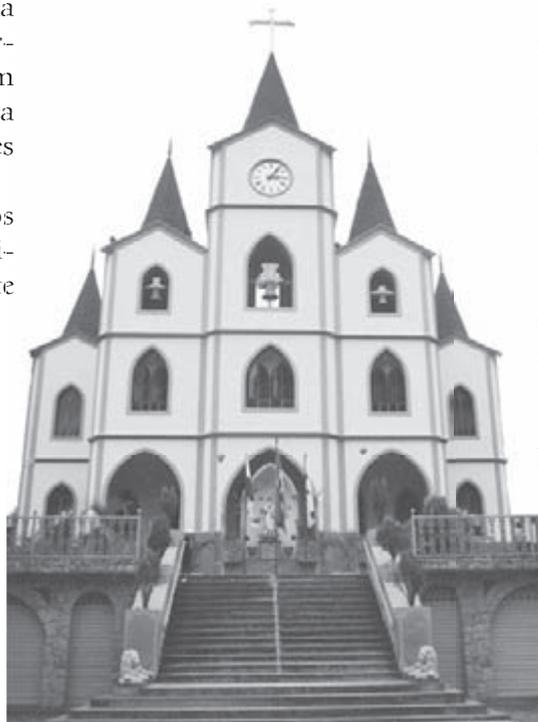
Vista da cidade de Macuco

Cidades fundadas na paz das montanhas

Nova Friburgo é o centro de influência de uma parte da região serrana que engloba pelo menos mais sete municípios. Além de Cantagalo, que foi, na verdade, o núcleo original de ocupação de toda essa área, também gravitam na órbita friburguense as cidades de Bom Jardim, Cordeiro, Macuco, Santa Maria Madalena, Trajano de Moraes e São Sebastião do Alto.

Bom Jardim, assim como os demais municípios, teve seu território desmembrado originalmente de Cantagalo. Está a apenas 20 quilômetros de Friburgo e é a primeira cidade alcançada por quem desce a serra em direção ao Norte e Noroeste do estado. Com 574 metros de altitude, também teve uma colonização fortemente influenciada pelos suíços e alemães que se instalaram inicialmente em Friburgo e depois desceram pelas franjas da serra em busca de melhores terras para a agricultura.

Descendo ainda mais pela RJ-116 chega-se ao município de Cordeiro (485m), conhecido por realizar anualmente a mais tradicional exposição agropecuária do



A igreja matriz de Bom Jardim em estilo gótico moderno

estado. Apesar da forte vocação agrária, o nome da cidade não está ligado aos ovinos, mas sim ao bandeirante Manoel Rosendo Cordeiro, que cedeu parte de suas terras para a abertura da trilha de ferro Cantagalo. De Cordeiro foi desmembrado o território que formou nas últimas décadas do século passado o município de Macuco (276m), famoso pela cooperativa de mesmo nome, responsável atualmente pela maior produção leiteira do estado.

A partir de Macuco se pode escalar alguns contrafortes da Serra dos Órgãos e alcançar os outros três municípios, localizados em altitudes mais próximas à de Friburgo (846m): Santa Maria Madalena (632m), Trajano de Moraes (655m) e São Sebastião do Alto (575m). São todas cidades fundadas na paz das montanhas, que oferecem aos visitantes excelentes climas e ótimas opções de lazer, como trilhas, cachoeiras e turismo rural. □



Cavalgada pelas ruas de Cordeiro



A imponente igreja matriz de Santa Maria Madalena

Cultural

O Rioprevidência Cultural é um local destinado aos servidores ativos e aposentados, pensionistas do Estado do Rio de Janeiro e ao público em geral. Com programas especialmente planejados para atender às demandas dessa população, o Rioprevidência Cultural proporciona atividades de treinamento, entretenimento, cultura, além de uma sala de leitura e uma sala de treinamento com computadores e acesso à internet.

A programação do Rioprevidência Cultural é atualizada mensalmente e tem como foco o público da 3ª idade, que carece de opções de lazer e cultura necessários para a manutenção de mente e corpo sãos.

Em sua grade fixa é possível encontrar aulas de dança, teatro, línguas, informática, artesanato, pintura e muito mais. Mensalmente há atividades especiais, como palestras, shows, passeios e outros.

Horário de funcionamento:
Das 9h às 17h.
www.rioprevidencia.rj.gov.br

**Atividades
Gratuitas**

Rioprevidência Cultural
Av. Professor Manuel de Abreu, 300
Maracanã
Tel: (21) 2334-2207
rioprevidencia.cultural@rioprevidencia.rj.gov.br



A Escola de Educação Financeira do Rioprevidência é um espaço de interatividade e aprendizagem com o objetivo de construir habilidades nas áreas de economia e finanças de forma didática e diferenciada. Ela contribui para que as pessoas possam melhorar suas decisões relativas ao consumo, poupança e utilização de créditos, permitindo uma administração responsável e consistente dos próprios rendimentos e bens.

Com aulas e palestras de educação financeira básica, endividamento, investimento em ações, entre outras, a

Escola visa atender a jovens da rede pública Estadual, adultos, servidores públicos, idosos, aposentados e pensionistas do Rioprevidência, além dos demais interessados em participar do programa.

Com parceiros de renome como CVM, BM&F Bovespa, Anbima, Apimec e INI, a Escola consegue montar uma programação de cursos bem completa e diversificada para atender a todos.

**Horário de
funcionamento:**
Das 9h às 17h.

Inscrições abertas:
www.rioprevidencia.rj.gov.br

**Atividades
Gratuitas.**

Escola de Educação Financeira
Rua Felipe Camarão, 83 – Vila Isabel
Tel: (21) 2334-1846
eef@rioprevidencia.rj.gov.br

VOCÊ VAI PRECISAR TER O SEU CERTIFICADO DIGITAL, ENTÃO, QUE SEJA UM OFICIAL.

O CERTIFICADO DIGITAL DA IMPRENSA OFICIAL, ENTRE OUTRAS VANTAGENS, OFERECE:

- Economia de até 15% para as microempresas, empresas de pequeno porte e os microempreendedores individuais.
- Certificado emitido na hora, testado e pronto para uso.
- Padrão ICP-Brasil. A única assinatura digital com validade jurídica.
- Segurança em transações eletrônicas.

IMPORTANTE: A PARTIR DE AGORA
O CERTIFICADO DIGITAL É OBRIGATÓRIO
PARA REALIZAR SERVIÇOS OFERECIDOS
PELO GOVERNO.

Faça já o seu agendamento aqui:

www.io.rj.gov.br

Ou ligue 0800-2844675, das 9h às 18h.

ADQUIRA O SEU CERTIFICADO DIGITAL EM QUALQUER UM DOS SEIS ENDEREÇOS DISPONÍVEIS:

NITERÓI: Rua Professor Heitor Carrilho, 81 - Centro, Niterói/RJ

NITERÓI: Av. Visconde do Rio Branco, 360 - 3º piso, loja 321 (Shopping Bay Market) - Centro, Niterói/RJ

RIO DE JANEIRO: Rua São José, 35 - Salas 222/224 (Ed. Garagem Menezes Cortes) - Centro, Rio de Janeiro/RJ

SÃO GONÇALO: Av. São Gonçalo, 100, 3º Piso (São Gonçalo Shopping, Rio Poupa Tempo) - Boa Vista, São Gonçalo/RJ

SÃO JOÃO DE MERITI: Rodovia Presidente Dutra, 4.200 (Rio Poupa Tempo) - Jardim José Bonifácio, São João de Meriti/RJ

BANGU: Rua Fonseca, 240 - 2º andar (Bangu Shopping, Rio Poupa Tempo) - Bangu, Rio de Janeiro/RJ